

500 anos da Reforma Radical

10

EVANGELISMO

A Página
Impressa numa
Era Digital

37

**MISSÃO
GLOBAL,
AÇÃO LOCAL**

Missionários
Digitais

42

ESPAÇO JOVEM

O Meu Lugar na
Minha Igreja

PUBLICADORA SERVIR
OUTUBRO 2025
N. 941 | ANO 86



“Eis que cedo venho.” A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

PROJETO GRÁFICO **Joana Areosa**

DIAGRAMAÇÃO **André Carrolo Fernandes**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publishadora SerVir, S.A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Ligação Visual
Casais de S. Martinho – Jerumelo

TIRAGEM **4700 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	1	2	3	4
5	[6]	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	[29]	30	31	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

3-5 MAPAS (MINISTÉRIO ADVENTISTA PARA ADULTOS SOLTEIROS)

4-11 CAMPANHA NT – O GRANDE CONFLITO

5 FORMAÇÃO SAL

10-12 CONVENÇÃO DA ASI PORTUGAL

17-19 CONGRESSO NACIONAL DE UNIVERSITÁRIOS ADVENTISTAS

17-20 ENCONTRO DOS 60+

17-19 CONGRESSO IBÉRICO DE MULHERES

24 EUD VISION SONG CONTEST

25 e 26 CONSELHO NACIONAL JA

27 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/9-3/10 ASSOCIAÇÃO DE BERLIM-ALEMANHA CENTRAL (NGU)

6-10 CONSELHO ANUAL DA CONFERÊNCIA GERAL

13-17 UNIÃO ITALIANA (ITU)

20-24 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE COLLONGES (EUD)

27-31 REUNIÃO DE FIM DE ANO DA EUD

[FH] FÉ DOS HOMENS

[6] SEGUNDA-FEIRA

[29] QUARTA-FEIRA

novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
26	27	28	29	30	31	1
2	3	4	5	6	7	8
9	[10]	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
[30]	1	2	3	4	5	6

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1-8 SEMANA DE ORAÇÃO E GRATIDÃO

1-9 SEMANA DE REAVIVAMENTO ESPECIAL REAA E REN

2 FORMAÇÃO SAL

15 e 16 EFJA NÍVEL II (LISBOA E SUL)

15 e 16 ENCONTRO DA REDE NEWSTART

22 ROIGS ALENTEJO E ALGARVE

23 ROIG LISBOA E VALE DO TEJO

24 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

28/11-1/12 GAIN PT

29 e 30 EFJA NÍVEL II (NORTE E CENTRO)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

3-7 SEMANA DE ORAÇÃO

10-14 UNIÃO ROMENA (ROU)

17-21 UNIÃO AUSTRIACA (ATU)

24-28 UNIÃO DA ALEMANHA DO NORTE (NGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[10] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[30] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**

[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

4

EDITORIAL

**Liberdade para Crer,
Liberdade para Viver**

5

ATUALIDADE

**Legado Negligenciado :
Os 500 Anos da Reforma
Radical**

*Conheça os Reformadores
Radicais e os princípios que
defendiam.*

10

EVANGELISMO

**A Página Impressa numa
Era Digital**

*O lugar das Publicações na
estratégia missionária da Igreja.*

20

IGREJA EM AÇÃO

Está na Hora!

*Apresentação do novo
Curriculum da Escola Sabatina
Infantil.*

26

GRAVADO NA PEDRA

**Memórias dos Primórdios
do Cristianismo no
Subsolo de Roma**

*A arqueologia das catacumbas
cristãs de Roma.*

31

OLHOS NOS OLHOS

Fernando Esteves

O testemunho de uma vida cristã.

37

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Missionários Digitais

*Dicas importantes para um
ministério pessoal moderno.*

42

ESPAÇO JOVEM

**O Meu Lugar na Minha
Igreja**

Tu tens um espaço na tua igreja!

46

PÁGINA DA FAMÍLIA

**Ouve o Teu Pai e a Tua
Mãe**

*Há sabedoria em escutar-se os
conselhos dos pais.*

48

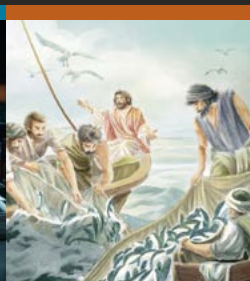
HERÓIS DA BÍBLIA

Abel

A história do primeiro mártir.

50

NOTÍCIAS





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Liberdade para crer, liberdade para viver

“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou; permaneçei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão” (Gálatas 5:1).

A liberdade religiosa é uma das maiores bênçãos que Deus concedeu à Humanidade. “Este é, pois, o tema destes versículos. O Cristianismo é liberdade, não é escravidão.”¹ Quando Paulo escreve aos Gálatas, lembra-lhes que a verdadeira liberdade começa em Cristo: Somos libertos do pecado, da culpa e da condenação. Esta experiência espiritual tem também uma dimensão prática: Se Cristo nos libertou, devemos valorizar e defender a liberdade de cada ser humano.

A história da Igreja cristã mostra-nos como esta verdade nem sempre foi respeitada. Muitos homens e mulheres foram perseguidos por causa da sua fé. Para eles, a fé não podia ser imposta por lei, tradição ou espada, mas apenas vivida como resposta pessoal ao chamado de Deus.

Hoje, em pleno século XXI, vivemos num contexto em que a liberdade religiosa é reconhecida como direito fundamental. Mas não podemos ser ingênuos: Este direito é frágil, ameaçado em várias partes do mun-

do. Até em Sociedades democráticas existem pressões subtis contra a consciência livre.

Como Adventistas, temos uma missão especial: Proclamar o Evangelho eterno “a toda a nação, tribo, língua e povo” (Apocalipse 14:6). Esta proclamação só pode ser feita num ambiente de liberdade. Por isso, valorizamos e defendemos a liberdade religiosa não somente como um direito humano, mas também como um princípio bíblico. A consciência não pode ser forçada; cada pessoa deve ter espaço para buscar e responder ao chamado de Deus.

Vivemos tempos sérios na história da Humanidade. Precisamos de permanecer firmes na fé, conscientes de que a liberdade em Cristo nos chama a vivermos com coragem e fidelidade. Que a nossa voz seja sempre clara em favor da dignidade, do respeito e da consciência livre. “Não estamos cumprindo a vontade de Deus, se nos deixarmos ficar em quietude, nada fazendo para preservar a liberdade de consciência. Fervente e eficaz oração deve ascender ao Céu, para que essa calamidade seja deferida. [...] Haja as mais fervorosas orações.”² Que cada um de nós escolha viver, hoje, a verdadeira liberdade em Cristo e testemunhar em favor dela com ousadia. Está disposto a ser guardião desta liberdade até que Ele volte?

1

John R. W. Stott, *The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today* (Leicester: Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, 1986), pp. 131-133.

2

Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, (Tatuí, SP: CPB, 2008), vol. 2, pp. 320 e 321.

Legado negligenciado: Os 500 anos da Reforma Radical

Dois grupos importantes surgiram na Reforma: A Reforma Magistral e a Reforma Radical. Este segundo grupo era composto por Cristãos que desejavam ardentemente aprofundar ainda mais o retorno às raízes do Evangelho.



Davi Boechat e Isaac Malheiros
Jornalista e Historiador

*Retirado da Revista Adventista
brasileira de setembro de 2025.*

As comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante ocorreram em 2017. Músicas que falam sobre a salvação pela fé e sobre a Bíblia como única base para a doutrina, além de eventos e de uma grande quantidade de livros e de artigos, garantiram que a data não fosse esquecida. Até *t-shirts* com retratos de Martinho Lutero (1483-1546) e de João Calvino (1509-1564), dois dos principais nomes da Reforma, foram vendidas. Com toda esta agitação, um aspecto significativo da História foi negligenciado: A chamada Reforma Radical.

Dois grupos importantes surgiram na Reforma. O primeiro foi a conhecida Reforma Magistral, que recebeu o apoio de governantes e de autoridades. O segundo grupo foi a Reforma Radical, composto por Cristãos que desejavam ardentemente aprofundar ainda mais o retorno às raízes do Evangelho. Rejeitavam o Catolicismo, o Protestantismo predominante e as relações entre Igreja e Estado.¹ Por essa atitude, foram perseguidos tanto por Católicos como por Reformadores Magistrais.

Compromisso radical

Os Reformadores Radicais são frequentemente designados como “Anabatistas”, um termo pejorativo atribuído pelos seus adversários que significava “Aqueles que se rebatizam”. No entanto, este termo acabou por ser aceite sem o estigma negativo. Em 2025, celebram-se os 500 anos do acontecimento que deu início ao Movimento Anabatista: O batismo coletivo conduzido por Georg Blaurock, em janeiro de 1525, na Suíça.²

Por meio deste ato, eles negaram a legitimidade do batismo infantil e a autoridade das Igrejas estatais, dando início à fase radical da Reforma Protestante.

Para os Reformadores Radicais, Lutero e Calvino ainda mantinham vínculos com aspetos do Cristianismo medieval, como o constantinismo e a teologia agostiniana.³ Além disso, eles criticavam o monenergismo rígido e a predestinação, doutrinas que diminuía a responsabilidade humana. Também sustentavam que a verdadeira Igreja devia ser composta por Cristãos conscientes, distantes do mundo e dos poderes coercitivos.

Menno Simons (1496-1561) e Balthasar Hubmaier (1485-1528) foram os pensadores mais notáveis do ramo radical. Antes de se juntarem ao Movimento Anabatista, ambos possuíam formação teológica e experiência como líderes. Em 1536, Simons, um antigo sacerdote Católico, converteu-se ao Anabatismo e, arriscando a vida, dedicou-se à criação de uma rede de igrejas clandestinas. Geralmente, pregava à noite nas casas e não costumava ficar muito tempo no mesmo lugar. As Igrejas Menonitas receberam dele o seu nome.

Por sua vez, Hubmaier sustentava que a vida cristã genuína se inicia com

**Os Radicais Anabatistas,
procurando radicalizar
a Reforma, elevaram
o princípio *Sola*
Scriptura.**



uma escolha pessoal em resposta à graça e que o batismo deve ser uma declaração pública de fé. Ele opunha-se ao batismo infantil, argumentando que os recém-nascidos não são capazes de ter fé genuína. Além disso, defendia a separação entre a Igreja e o Estado bem como a liberdade religiosa, condenando de forma enfática a coerção do pensamento e a perseguição.

Os Radicais Anabatistas, procurando radicalizar a Reforma, elevaram o princípio *Sola Scriptura*. Também promoviam a ética cristã no trabalho, um modo de vida simples e adotavam posturas igualitárias de gênero, além de preceitos abolicionistas. Negavam todas as formas de violência, incluindo a pena de morte, o serviço militar, o uso de armas e a noção de “guerra justa”. Neste sentido, a *Confissão de Scheleitheim* (1527), um dos documentos Anabatistas mais importantes,

expressou claramente o princípio da não-violência.

A força da Igreja e o braço do Estado

Os Anabatistas foram os primeiros a afirmar que nenhum governo pode obrigar as pessoas a seguirem uma determinada religião. Por defenderem esta crença com firmeza, pagaram um alto preço. Os Anabatistas opuseram-se à ideia de uma “Sociedade cristã” unida sob uma Igreja estatal, proposta por Martin Bucer. Eles rejeitavam o juramento e o serviço militares, acreditando que a verdadeira Igreja era composta por fiéis distintos da falsa Igreja que realizava o batismo de crianças.

Na Alemanha luterana, os “soberanos de Augsburg não estavam dispostos a tolerar o que consideravam ser as doutrinas sediciosas dos Anabatistas, e estes foram presos em grande número, incluindo muitas mulheres, que eram ativas como missionárias e mestras”.⁴ As perseguições envolveram a perda da custódia dos filhos, pois a recusa em batizá-los era vista como uma forma de maus-tratos. As crianças eram “entregues a famílias dos grupos eclesiais oficialmente reconhecidos”.⁵ Na Suíça, na Alema-

Os Anabatistas foram os primeiros a afirmar que nenhum governo pode obrigar as pessoas a seguirem uma determinada religião.

nha e na Áustria, os Anabatistas foram perseguidos, presos, torturados, exilados e mortos. A principal região da Europa Central que aceitou os seus ensinamentos foi a Morávia, situada a leste da Boémia.

Testemunhos dos mártires

Os Anabatistas passaram a sofrer o martírio com frequência. Em *O Espelho dos Mártires*, obra extensa, ilustrada, escrita no século XVII, Thieleman J. Van Braght (1625-1664) descreveu as perseguições e os martírios sofridos pelos Reformadores Radicais. Por se oporem ao batismo infantil obrigatório, muitos foram executados por afogamento, ato que os algozes denominavam como “terceiro batismo”. Assim, em 1527, faleceu o primeiro mártir Anabatista, Felix Manz (1498-1527), um antigo discípulo de Zuínglio. Após recusar renunciar à sua fé, Manz foi lançado ao Rio Limmat, em

Zurique, Suíça, com as mãos amarradas atrás dos joelhos. As últimas palavras que proferiu foram: “Senhor, nas Tuas mãos entrego o meu espírito.”

A fogueira e a força também eram métodos de execução empregados pelos perseguidores. Durante o suplício, os mártires Anabatistas aproveitavam a oportunidade para professar a sua fé perante as pessoas que se reuniam para assistir. Os algozes ficavam tão incomodados com essa prática que começaram a implementar táticas para evitar que as execuções se transformassem num púlpito. Entre estas medidas, destacavam-se a alteração dos horários das execuções sem aviso prévio, a realização dos atos durante a madrugada e o uso de tambores para silenciar a voz dos mártires.

Reforma Radical e Adventismo

A Reforma Radical, embora negligenciada, ainda ressoa. Os seus herdeiros

**Hoje, para nós, é
inegociável defender
a liberdade de
consciência e de crença,
a procura de uma ética
cristã autêntica e a
adesão ao princípio
Sola Scriptura.**



diretos – Menonitas, Amishes, Huteritas e Schewenckfelders – mantêm o seu legado; porém, a sua influência ultrapassa esses grupos. O Protestantismo Adventista tem raízes que se ligam de forma significativa com essa corrente.

Menonitas e Adventistas têm dialogado. Entre 2011 e 2012, dirigentes da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia e da Conferência Mundial Menonita reuniram-se e identificaram importantes semelhanças, incluindo o anseio partilhado de restaurar a autenticidade da Igreja do Novo Testamento, uma perspectiva parecida sobre a história do Cristianismo e a dedicação ao discipulado e ao testemunho cristão. Em 2014, esses diálogos culminaram no documento intitulado *Living the Christian Life in Today's World* [*Vivendo a vida cristã no mundo de hoje*], que foi ratificado pelas duas Denominações.

Ambas as Comunidades partilham diversas crenças e práticas, como o batismo somente de quem professa a fé de forma consciente, a Ceia do Senhor como símbolo, a separação entre Igreja e Estado, o sacerdócio de todos os crentes e a ênfase na santificação e na obediência aos Mandamentos.⁶

Tal como ocorre no Adventismo, o culto Anabatista era simples e participativo, priorizando o envolvimento de toda a Comunidade, sem formalidades ou hierarquias rígidas. O lava-pés, que representa a humildade e o serviço cristão, era comumente parte da Ceia do Senhor.

Existem também relatos de que alguns Anabatistas retomaram a observância do Sábado, embora seja di-

fícil de avaliar a extensão desta prática entre eles.

Liberdade para todos

A ênfase Anabatista na liberdade de consciência ecoa não apenas a defesa Adventista da liberdade religiosa, mas também a sua escatologia, que critica veementemente a imposição de crenças religiosas pelo Estado. Embora tenha sido fortemente perseguida, a ideia Anabatista de separação entre Igreja e Estado acabou por se tornar num padrão para a maioria das Igrejas Evangélicas atuais.

Os Anabatistas desempenharam um papel importante na história do Cristianismo e dos Direitos Humanos ao confrontarem sistemas políticos e religiosos. Hoje, para nós, é inegociável defender a liberdade de consciência e de crença, a procura de uma ética cristã autêntica e a adesão ao princípio *Sola Scriptura*. O legado Anabatista inspira-nos a perseverarmos na construção de uma Igreja fiel, livre e dedicada aos princípios do Evangelho, custe o que custar!

¹ Alister McGrath, *O Pensamento da Reforma*, Cultura Cristã, 2014, p. 308.

² Roger Olson, *História da Teologia Cristã*, Vida, 2011, p. 427.

³ Roger Olson, *História da Teologia Cristã*, Vida, 2011, p. 426.

⁴ Dale Irvin e Scott Sunquist, *História do Movimento Cristão Mundial*, Paulus, 2015, p. 129.

⁵ Roger Olson, *História da Teologia Cristã*, Vida, 2011, p. 428.

⁶ Rodrigo Galiza, "A Reforma Radical", in *A Reforma Protestante*, CPB, 2017, p. 57.

A página impressa numa era digital

A força do evangelismo
impresso na era digital



Seth Roberts
*Diretor de Publicações da
Associação do Michigan*

Algumas pessoas acham que a obra de Publicações Adventista é um exemplo perfeito da indisponibilidade da nossa Igreja para se adaptar a um mundo em mudança. Na era da internet, como podem revistas em papel, colportagem de porta em porta e distribuição de folhetos ser um uso bem aplicado dos Euros destinados ao evangelismo? Embora alguns acreditem que o nosso sistema de Publicações possa estar desfasado em relação às necessidades ministeriais da Igreja, o Ministério das Publicações é hoje tão essencial para a realização da missão da Igreja como era quando foi inicialmente estabelecido, em 1849.

As Publicações eram cruciais para o evangelismo Adventista inicial por duas razões. Primeira, davam às pessoas que tinham recebido o testemunho de um Adventista (fosse através de reuniões públicas ou de conversas privadas) a oportunidade de *examinarem por si mesmas* a mensagem que tinha sido partilhada com elas – segundo a sua disponibilidade de tempo. Segunda, davam à Igreja a capacidade de acarinhar e de discipular aqueles que estavam em busca da verdade ao redor do mundo quando um testemunho pessoal não estava disponível. O mundo mudou radicalmente desde a década de 1860, mas estes dois propósitos centrais do Ministério das Publicações ainda são profundamente relevantes para a missão da nossa Igreja no século XXI.

No entanto, enquanto o mundo mudou, algumas das formas como usamos o material impresso (e, agora, também digital) no nosso esfor-

ço evangelístico não mudaram. Em resultado disso, alguns creem que a literatura Adventista se tornou crescentemente irrelevante para os esforços evangelísticos da nossa Igreja. Para compreendermos o nosso erro e como podemos corrigi-lo, devemos examinar como a Igreja Adventista inicial usava a literatura para fazer avançar a sua missão.

Uma parceria entre o pregador e as Publicações

Durante a sua primeira década de existência, os Adventistas dependiam quase exclusivamente dos esforços de pregadores para espalhar a sua mensagem escatológica. Nesta obra, brochuras e folhetos tornaram-se numa ferramenta essencial. Porquê? Tal como James White explicou em 1872, o sistema da verdade Adventista era complexo de mais para ser plenamente compreendido numa reunião pública. O pregador vivo podia “gerar a convicção”, mas, para a nossa mensagem ser aceite, ela deveria “ser lida, estudada e claramente vista”. Sem esta ajuda, a pregação evangelística “pouco realizaria”. Embora muitos crentes assumissem a tarefa de distribuir brochuras “indiscriminadamente”, White

O pregador vivo podia “gerar a convicção”, mas, para a nossa mensagem ser aceite, ela deveria “ser lida, estudada e claramente vista”.



Os colportores desempenharam um papel central no estabelecimento inicial da obra da nossa Igreja em Samoa e no Hawaii, na Grã-Bretanha, nas Fiji, na Jamaica, no Chile e na Índia.

veio a desaprovar esta prática por ser um desperdício dos preciosos fundos da Igreja, encorajando os membros a distribuírem as brochuras nas nossas reuniões públicas, “quando a multidão está impressionada com um tema importante”.¹ A pregação e as Publicações operavam melhor em equipa.

Uma década mais tarde, os Adventistas descobriram uma segunda forma de as Publicações auxiliarem o pregador: A colportagem porta-a-porta.² Este novo método de distribuir as nossas publicações tinha dois benefícios-chave: (a) As pessoas que hesitavam em frequentar as reuniões públicas podiam aprender a nossa mensagem através de brochuras e livros, e *depois* serem encorajadas pelo colportor a estabelecerem uma ligação com a Igreja, e (b) em contraste com os pregadores a tempo inteiro, o colportor podia manter-se financeiramente. Estes dois benefícios tornaram a colportagem essencial na expansão da Igreja

no estrangeiro nas décadas de 1880 e 1890. Entre muitos outros lugares, os colportores desempenharam um papel central no estabelecimento inicial da obra da nossa Igreja em Samoa e no Hawaii,³ na Grã-Bretanha, nas Fiji, na Jamaica, no Chile e na Índia.⁴

Claramente, a Igreja Adventista não tinha desejo de desassociar as Publicações do evangelismo pessoal ou público. Pelo contrário, as Publicações eram cruciais para o sucesso dos colportores, porque eles usavam-nas para melhorar o *único* método de evangelismo que garantia o verdadeiro sucesso – passar altruistamente tempo com as pessoas, simpatizar com as suas

lutas, ajudá-las nas suas necessidades, ganhar a sua confiança e, depois, chamá-las a seguirem Jesus.⁵

E se o pregador não as puder alcançar?

Nos primeiros tempos, a Igreja Adventista estava fortemente dependente de um número comparativamente pequeno de pregadores para espalhar a sua mensagem. Havia vastos territórios por todo o mundo para onde a Igreja simplesmente não tinha recursos para enviar missionários. As suas publicações periódicas tornaram-se num meio de acalantar e discipular, através do sistema postal, os que estavam em busca da verdade ao redor do mundo.

O primeiro braço deste ministério do “pregador silencioso”, a revista, funcionava muito como uma moderna *newsletter* por *email*. Quando alguém subscrevia a *Review* (a seu pedido ou a pedido de um amigo Adventista que podia garantir que a pessoa “lê-la-ia candidamente”),⁶ ele estava a aderir à versão de uma “campanha por gotejamento” da década de 1880. Cada novo número explicaria um aspeto diferente da mensagem Adventista, oferecendo brochuras adicionais para aquisição, anunciando eventos futuros e encorajando o leitor a escrever para a Redação, pedindo mais informação.⁷

Enquanto os membros eram fortemente encorajados a vender subscrições de revistas, Ellen G. White incentivou os escritores a prepararem artigos “tão atraentes quanto for possível”, com “uma influência para persuadir”.⁸ Seguindo a indicação de Ellen G. White, os editores esforçavam-se para editar

conteúdos que se espalhassem “de boca em boca”. Na Grã-Bretanha, Stephen Haskell acrescentou ilustrações à *The Present Truth* para ir ao encontro do gosto em evolução dos seus leitores.⁹ Na África do Sul, a Igreja lançou duas revistas que abordavam questões locais sobre a liberdade religiosa.¹⁰ Do mesmo modo, a *Signs of the Times* de 1922 abordava o tema da intolerância racial em resposta a um reavivamento do *Klu Klux Klan*.¹¹

Segundo os padrões dos nossos dias, a *Review* e as dúzias de revistas e de jornais que se lhe seguiram foram incrivelmente bem-sucedidos. Por volta de 1884, as oito revistas e jornais norte-americanos tinham “uma circulação mensal agregada de 200 000 exemplares”,¹² sendo espantosamente *onze vezes maior* do que o número de membros existentes na América do Norte nessa época (17 711).¹³ No estrangeiro, o contraste era frequentemente maior: Em 1887, a *The Present Truth* britânica tinha uma circulação doméstica 30 vezes superior ao número de membros da Igreja na Grã-Bretanha,¹⁴ enquanto a *Sentinel* sul-africana tinha uma circulação doméstica 21 vezes superior ao número de membros na África do Sul.¹⁵

O segundo braço do ministério do “pregador silencioso”, a “Sociedade Missionária e de Folhetos”, capacitava a Igreja a acalantar e a discipular *proativamente* as pessoas que não podiam alcançar-se mediante outras formas de evangelismo (por causa da distância ou do preconceito). Eis como funcionava: Os membros enviavam publicações periódicas e folhetos por correio (às

suas custas) a pessoas não-Adventistas, acompanhados por uma carta pessoal¹⁶ que tentava “inquirir sobre os seus verdadeiros sentimentos”¹⁷ em relação à literatura enviada e que perguntava se elas estavam interessadas em aprender mais sobre a fé Adventista. Em muitos casos, isto levava a uma troca de cartas e ao envio de folhetos que resultavam na conversão das pessoas.

Fundado por um pequeno grupo de mulheres da Nova Inglaterra em 1870, o ministério – incentivado por Stephen Haskell e James White – cresceu rapidamente até se tornar num gigante evangelístico. Por volta do início da década de 1880, as Sociedades de Folhetos ao redor do mundo estavam a distribuir perto de “cinco milhões de páginas de material impresso” através deste método de correspondência, “resultando em tantos conversos como os conversos produzidos pelas séries de pregação evangelística tradicionais”.¹⁸ Mesmo quando não podia interagir pessoalmente com os que estavam em busca da verdade, a Igreja Adventista implementava o método de Cristo

Mesmo quando não podia interagir pessoalmente com os que estavam em busca da verdade, a Igreja Adventista implementava o método de Cristo para alcançar pessoas.



para alcançar pessoas, em princípio, acarinhando e discipulando pessoas por meio do canal fornecido pelos correios – combinando material profundamente relevante com convites contínuos para que os interessados se ligassem diretamente à Igreja.

As Publicações num mundo em mudança

O método de Cristo é *ainda* o único que dará “verdadeiro êxito ao aproximarmos-nos do povo”.¹⁹ Do mesmo modo, o papel das Publicações quanto a reforçar o trabalho do testemunho pessoal e discipular os que estão em busca da verdade é tão relevante hoje como era em 1849. No século e meio que medeia entre estas datas, o mundo mudou drasticamente em três formas que nos compelem a ajustarmos os



O método de Cristo é ainda o único que dará “verdadeiro êxito ao aproximarmo-nos do povo”.

nossos *meios* para melhor realizarmos os mesmos *fins*.

Idade da Informação. A Tecnologia permitiu uma explosão na publicidade e no acesso à informação, levando os consumidores a ignorarem crescentemente ambas. Por exemplo, o consumidor médio recebe mais de 3000 mensagens de *marketing* por dia,²⁰ enquanto mais de 500 000 livros novos são publicados cada ano apenas nos Estados Unidos da América.²¹

Idade do Entretenimento. A chegada de novos Meios de Comunicação – Rádio, Televisão, Internet e Redes Sociais – transferiu a comunicação para meios predominantemente visuais. O contexto e a clareza de pensamento, valorizados numa Cultura fundada na publicação impressa, foram substituídos pelo valor do entretenimento como

qualidade primária²² – uma tendência demonstrada claramente na ascensão de *apps* como o *TikTok* e o *Instagram*.

Idade da Autenticidade. A Cultura deixou de estar fundada num paradigma cristão (em que o Cristianismo é o sistema de crenças instalado) para passar para um paradigma secular (em que o Cristianismo é um entre *muitos* sistemas de crenças aceitáveis). Esta mudança reflete uma rejeição da hipocrisia e do escândalo perenalmente associados com a religião organizada, enquanto retém o desejo de experimentar um autêntico senso de significado e um propósito mais elevado.²³

Nessa idade de sobrecarga de entretenimento, o método de Cristo para alcançar pessoas será bem-sucedido quando tudo o mais falar. As pessoas cansadas da religião organizada, procurando uma experiência espiritual genuína, serão convencidas unicamente quando virem “o poder de Deus [a operar] no nosso coração e na nossa vida”.²⁴ Nesta nova era, os dois papéis das Publicações são igualmente necessários, se os seus métodos puderem ser adaptados às realidades do século XXI:

Realçando o testemunho vivo. Num tempo em que as pessoas são mais céticas do que nunca, matéria escrita respondendo às questões mais

profundas e mais difíceis do pesquisador da verdade pode demonstrar cuidado e explicar as razões lógicas por detrás de um testemunho genuinamente pessoal.

Discipular à distância. Para aqueles que não podemos alcançar diretamente, a internet provê uma oportunidade sem precedentes para se espalhar conteúdo digital relevante (*podcasts*, vídeos, *reels*, postagens de *blogs*, etc.) ao mesmo tempo que encoraja os espectadores/leitores a escolherem receber uma *newsletter* por *email* (os jornais do século XXI) e a ligarem-se diretamente com Adventistas que os podem conduzir na sua viagem em direção à verdade – semelhantemente ao que fizeram as publicações periódicas usadas pelas Sociedades de Folhetos no século XIX.

O estado das Publicações Adventistas

As Publicações continuam a prosperar em muitas Divisões mundiais.²⁵ No entanto, são necessários alguns ajustes, no nosso mundo em mudança, para evitarmos que esta ferramenta se torne irrelevante para os nossos esforços evangelísticos. A distribuição de brochuras e folhetos e a colportagem porta-a-porta realmente alcançam algum sucesso evangelístico, mas esses esforços deixam de alcançar o seu pleno potencial quando não são integrados no ciclo evangelístico mais lato.

Folhetos. O uso de literatura tem sido largamente isolado do resto da nossa obra evangelística, impedindo uma profunda integração com outros Ministérios. Quando a distribuição de literatura é enfatizada, ela é vista

frequentemente como uma atividade de “semeadura”, em que os folhetos são distribuídos indiscriminadamente, com pouca ligação à Igreja no folheto, exceto o nome da Igreja nele. Além disso, algumas pessoas pensam que usar literatura em combinação com outros eventos é uma mera duplicação de esforço (*i.e.*, “Porque lhes deveríamos dar um folheto quando eles acabaram de ouvir uma palestra sobre o mesmo tópico?”). Como resultado destas perspetivas, as igrejas que procuram enfatizar o método de Cristo de testemunho relacional veem a literatura como um produto irrelevante de uma era passada de evangelismo do tipo “toca e foge”.

Colportagem. A colportagem tornou-se crescentemente desligada da igreja local e da sua operação evangelística. À medida que obras de preço mais elevado, como os livros *Bedtime Stories* e *The Bible Story*, se tornaram nas fontes primárias de rendimento para os colportores evangelistas na década de 1950, a obra de colportagem deixou de ser uma parceria com a igreja local centrada na Missão para passar a ser um empreendimento comercial que acabou por ser vítima de uma dívida insustentável. Os programas de vendas de *magabooks* concebidos para serem aplicados por estudantes, que foram introduzidos nos Estados Unidos da América em meados da década de 1990, representaram uma necessária mudança de volta a um modelo focado no ministério, mas ainda com hiatos significativos: Embora os programas reunissem dados de interessados em receber estudos bíblicos, cujos contac-

Para os nossos livros (...) voltarem a conquistar o seu lugar como um componente essencial da nossa obra, devemos estar dispostos a alterar radicalmente o modo como os usamos, para respondermos às necessidades de uma era secular neste século XXI.

tos eram entregues às igrejas que recebiam os colportores estudantes durante o verão, uma pobre coordenação gerava frequentemente pouco ou nenhum seguimento por parte da igreja local.

Publicações periódicas. As nossas publicações periódicas têm-se debatido para se adaptarem à era digital. Em resposta a esta conjuntura, os líderes da Igreja têm investido recursos significativos nas nossas publicações periódicas

e nas nossas Casas Publicadoras, reconhecendo que, “se não investirmos no mundo digital, ficaremos na mesma situação que a *Kodak*”.²⁶ Contudo, muito há a fazer e os nossos jornais e as nossas revistas ainda têm de recuperar o amplo número de leitores não-Adventistas que no passado fizeram das nossas publicações periódicas uma poderosa ferramenta evangelística.

O que pode fazer a minha igreja local?

Para os nossos livros, folhetos e (agora) conteúdos digitais voltarem a conquistar o seu lugar como um componente essencial da nossa obra, devemos estar dispostos a alterar radicalmente o modo como os usamos, para respondermos às necessidades de uma era secular neste século XXI, seguindo os princípios que nos levaram inicialmente ao sucesso. Embora a responsabilidade de desenvolver publicações relevantes, de adotar uma estratégia de “priorizar o digital” também no âmbito das publicações periódicas e de reconstruir as nossas operações de colportagem esteja sobre as nossas Instituições de Publicações e sobre a Liderança das Associações/Uniões, os passos mais importantes para uma parceria mais eficaz entre o pregador e os jornais e as revistas devem ser dados pelas nossas igrejas locais.

Integrar a literatura no evangelismo. Devemos integrar a literatura no ministério de cada igreja local que interage com a sua Comunidade. Deveriam ser vendidos (quando apropriado) ou oferecidos livros e folhetos relevantes em todos os eventos da





As obras publicadas hoje, tanto impressas como digitais, podem dar às pessoas a oportunidade de examinarem por si mesmas a mensagem que partilhamos com elas.

igreja, quer se trate de uma formação sobre saúde ou uma escola de culinária, quer seja uma Escola Cristã de Férias, um seminário sobre profecia, um Plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar ou um centro de serviço à Comunidade. Uma estratégia de evangelismo da igreja local deveria incluir a “plantação” de literatura em todas as oportunidades, permitindo que cada recetor da mesma possa compreender a nossa mensagem no contexto de uma relação com a sua igreja local.

Selecionar material mundialmente relevante. Os livros e os folhetos que partilhamos com a nossa Comunidade devem ser profundamente relevantes para ela.²⁷ Devemos tomar

o cuidado de selecionar material que corresponda às características demográficas e às necessidades sentidas dos indivíduos-alvo. Para referir um exemplo retirado da coleção de folhetos *GLOW*, deve-se usar “Uma Fé Inteligente?” num bairro secular e educado, “Certeza num Mundo Incerto” numa região politicamente instável, “Quando a Liberdade Morre” num bairro evangélico conservador e “Podem Pessoas Mortas Falar?” numa comunidade animista.

Plantar sementes com um toque pessoal. Para igrejas sem um agendamento ativo de eventos missionários, a literatura pode ajudar a desenvolver relações com a Comunidade – tal como faziam as Sociedades Missionárias e de Folhetos no fim do século XIX. Por exemplo, os membros podem preparar cestas básicas com itens necessários, com folhetos relevantes e com uma nota escrita à mão com um convite para futuros contactos. Quando empenhados numa conversa casual com um desconhecido, partilhem os membros um folheto relevante e ofereçam-se para continuar a conversa mais tarde. No Japão, por exemplo, esta abordagem tão simples levou um

pescador local a aceitar estudos bíblicos e a batizar-se.²⁸

Conclusão

As Publicações foram centrais para o trabalho da jovem Igreja Adventista. Elas realçaram a obra da testemunha pessoal e disciplinaram pessoas que estavam em busca da verdade e que não podiam ser alcançadas pessoalmente. Do mesmo modo que a obra de Publicações ajudou a edificar a jovem Igreja Adventista, ela pode ajudar a fazer avançar a missão da Igreja no fim da

sua obra. As obras publicadas hoje, tanto impressas como digitais, podem dar às pessoas a oportunidade de examinarem por si mesmas a mensagem que partilhamos com elas, segundo a sua conveniência e no seu tempo. Se formos intencionais, podemos também usar as obras publicadas para acarinharmos e disciplinarmos aqueles que fazem parte da nossa Comunidade imediata ou que se encontram espalhados por todo o mundo, a fim de partilharmos verdades espiritualmente relevantes para os nossos dias.

1 James White, *An Appeal to the Working Men and Women in the Ranks of Seventh-day Adventists* (Battle Creek, Mich.: Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association, 1872), pp. 2-10.

2 German Martinez, “King, George Albert (1847-1906)”, *Encyclopedia of Seventh-day Adventists*.

3 J. N. Loughborough, *The Great Second Advent Movement* (Nashville: Southern Pub. Assn., 1909), pp. 352, 361.

4 Gerald Wheeler, S. N. Haskell: *Adventist Pioneer, Evangelist, Missionary and Author* (Nampa, Idaho: Pacific Press Pub. Assn., 2017), pp. 106, 354 e 355, 357, 360.

5 Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Sabugo: Publicadora SerVir, 2015), p. 94.

6 Publishing Committee, “How Shall We Circulate Publications?”, *Second Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 1, nº 1 (janeiro de 1851).

7 Por exemplo, veja *Second Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 1, nº 4 (janeiro de 1851).

8 Ellen G. White, “Address and Appeal, Setting Forth the Importance of Missionary Work”, *Review and Herald*, 19 de dezembro de 1878, p. 1.

9 Wheeler, p. 126.

10 Loughborough, p. 351.

11 Wheeler, p. 336.

12 J. N. Andrews, “Seventh-day Adventists”, *The Present Truth*, vol. 1 (maio de 1884), p. 2.

13 *Seventh-day Statistics*, 1884.

14 *The Present Truth* tinha uma circulação doméstica de 3400 (cf. Wheeler, p. 126) comparada com os 115 membros que tinha então a Missão Britânica em 1887.

15 O Jornal em inglês tinha uma circulação de 4000 comparada com os 184 membros da Associação Sul-Africana em 1895 (veja Loughborough, p. 351).

16 Loughborough, p. 363 (cf. Wheeler, pp. 84, 178).

17 E. G. White, “Address and Appeal, Setting Forth the Importance of Missionary Work”.

18 Wheeler, p. 88.

19 E. G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 94.

20 Seth Godin, *Permission Marketing* (New York: Simon & Schuster, 1999), p. 29.

21 Dean Talbot, “Number of Books Published Per Year”, *Wordsrated*, 2 de fevereiro de 2002.

22 Neil Postman, *Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business* (New York: Penguin, 2005), p. 87.

23 Charles Taylor, *A Secular Age* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2007), p. 506.

24 E. G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 361.

25 William G. Johnsson, “Publish or Cherish”, *Adventist Review*, 9 de junho de 1983, p. 14.

26 Robert Lemon (citado em Andrew McChesney, “With Goal of Repositioning its Media, Adventist Church Overhauls North American Publishing Operations”, *Adventist Review*, 18 de junho de 2014).

27 A relevância não implica uma falta de fidelidade à verdade doutrinal. Aplicando ao material escrito a reflexão de Alec Moyer sobre a pregação, cada autor tem duas responsabilidades: “Em primeiro lugar, para com a verdade, e, em segundo lugar, para com este grupo particular de pessoas. Qual é a melhor forma para que elas ouçam a verdade? Como é que a devemos moldar e frasear para que ela lhes chegue de um modo que é agradável, que obtém uma audição mais receptiva e que evita ferir desnecessariamente?” (Citado em Tim Keller, *Preaching: Communicating in an Age of Skepticism* [New York: Viking Press, 2015], p. 21.)

28 Kurihara Kimiyoshi, “Japanese Fisherman Caught by Jesus”, *Advent Mission*, s.d..



Nina Atcheson
Autora e Editora—
-Chefe do novo
Currículo da
Escola Sabatina
Infantil



Alive
in Jesus



Está na hora!

Um novo Currículo
para a Escola
Sabatina Infantil

O nosso mundo nunca foi tão chamativo, tentador ou confuso para os nossos filhos como é agora. Todos os dias, somos bombardeados com mensagens diferentes sobre o que devemos desejar e sobre o que deve preencher a nossa mente, como devemos passar o nosso tempo e onde está o nosso valor – mas muito pouco disto está fundamentado n'Aquele que nos criou, Aquele que tem um plano e um futuro para os nossos filhos. Como mãe de adolescentes, vejo a batalha que se trava na mente e no coração dos meus filhos. Talvez o leitor também veja.

Como mãe, a minha oração diária é para que os meus filhos tenham a sua própria caminhada com Deus – para que ela seja viva e real para eles. Se o leitor é pai, mãe, avó ou avô, tenho a certeza de que também já orou por isto. Tal como eu, talvez já se tenha perguntado: Deus está a trabalhar, mas há mais alguma coisa que eu possa fazer para criar filhos que O conheçam e O amem?

Ao longo dos anos, tenho visto Deus responder à minha oração à medida que os meus filhos crescem n'Ele. Vejo-os escolherem passar tempo com Deus porque realmente querem. Tenho observado como o tempo com Ele os estabiliza como nada mais consegue. Vejo-os crescerem em conhecimento e convicção à medida que refletem profundamente sobre a sua fé. Fico feliz ao ver que eles têm o desejo de partilhar Deus e a nossa singular mensagem Adventista do Sétimo Dia com outras pessoas. Mas, embora o meu marido e eu sempre tenhamos tentado tornar a adoração em família

numa parte significativa e vibrante dos nossos dias, nem sempre foi fácil encontrar recursos acessíveis e adequados à idade que desenvolvessem propositadamente o amor por Jesus e pela Sua Palavra viva.

À medida que o nosso mundo se agita e geme, acredito que é hora de sermos ainda mais determinados com a próxima geração – de construir um amor por Jesus e um conhecimento sólido das verdades eternas da Sua Palavra. Talvez já tenha visto os dados e saiba que há um entendimento superficial entre os nossos jovens sobre algumas das nossas doutrinas mais básicas. Para que os nossos filhos vivam bem neste momento da história da Terra, eles precisam de mais.

Acredito que agora é o momento de nos concentrarmos nisto. É hora de darmos o exemplo de como é uma amizade transformadora com Jesus e de mostrarmos aos nossos filhos como passarem tempo significativo com Deus na Sua Palavra e em oração.

É hora de adicionarmos mais profundidade e rigor ao que estamos a ensinar aos nossos filhos e jovens, para que eles possam ter convicção sobre o que acreditam, enquanto moldamos intencionalmente uma visão de mun-

Talvez já se tenha perguntado: Deus está a trabalhar, mas há mais alguma coisa que eu possa fazer para criar filhos que O conheçam e O amem?

do baseada na Bíblia, incluindo as 28 Crenças Fundamentais.

É hora de equipar pais ocupados e cansados com lições bíblicas adequadas à idade, que unam as famílias todos os dias para partilharem estas mensagens de maneira atraente, pessoalmente desafiadora e missionária.

É hora de equipar os monitores da Escola Sabatina com os melhores métodos e muitos recursos novos, juntamente com ideias sobre como cultivar uma cultura saudável nas suas salas de aula.

Sim, está na hora! E o Departamento de Escola Sabatina e Ministérios Pessoais da Conferência Geral convida-o a orar enquanto desenvolvemos o novo Currículo da Escola Sabatina *Alive in Jesus* (*Vivos em Jesus*) para crianças e jovens.

O que há de novo para os pais?

Os nossos bebés sempre foram agrupados com a classe do Rol do Berço, mas, em termos de desenvolvimento, há uma grande diferença entre uma

**Acredito que é hora
de sermos ainda mais
determinados com a
próxima geração – de
construir um amor por
Jesus e um conhecimento
sólido das verdades
eternas da Sua Palavra.**

criança de cinco meses e uma de três anos. Em resposta a isto, o *Vivos em Jesus* inclui recursos totalmente novos para bebés (do nascimento até aos 12 meses), para ajudar os pais a serem intencionais durante o crescimento espiritual dos seus pequenos desde o momento em que nascem. O manual para pais oferece encorajamento espiritual e conselhos para marcos importantes, juntamente com quatro programas simples que giram principalmente em torno de canções. O guia do monitor inclui estes mesmos quatro



programas, que também são partilhados na Escola Sabatina. Após o tempo da Escola Sabatina para bebês, há um tempo especial para os pais, com folhetos semanais para pequenos grupos de pais, que nutrem a sua fé. Estes folhetos para pais, com um *design* bonito, são feitos por medida para pais que frequentam a igreja e para pais da Comunidade. Na verdade, os recursos para bebês concentram-se primeiro no crescimento espiritual dos pais para ajudá-los a transmitir uma imagem clara de Deus ao seu novo bebê. Um forte foco no crescimento espiritual dos pais, além do da criança, continua em todos os níveis mais baixos do novo Currículo.

As novidades dos guias do aluno *Vivos em Jesus* são inúmeras, incluindo o *Beginner (Iniciantes)* que agora tem uma história bíblica semanal – para ser lida todos os dias, em vez de uma história por mês. A partir do Jardim de Infância, todas as lições têm leituras diárias, e as mesmas histórias são partilhadas no Jardim e nos Primários, para facilitar a vida aos pais que têm filhos em ambos os grupos, ou às igre-

jas pequenas que desejam combinar estas classes. Todos os dias é partilhada uma narrativa apelativa, enquanto as crianças são incentivadas a abrir as suas Bíblias, seguida de perguntas para discussão em família, juntamente com sugestões de oração e atividades que incentivam a aplicação da mensagem bíblica. Todas as semanas, as crianças podem esperar uma atração especial do Sábado, como uma lição sobre a Natureza, uma história da História Adventista, uma atividade familiar ou uma história missionária. Uma gravação em áudio das lições pode ser reproduzida na aplicação *Alive in Jesus*, e as famílias podem ouvir uma lista de reprodução trimestral de canções das Escrituras para ajudarem as crianças a lembrarem-se dos versículos para memorizar. Novas ilustrações em cada página dão vida às histórias e mensagens da Bíblia na mente das crianças de maneiras novas, à medida que crianças de todo o mundo se reveem na diversidade das imagens.

Em última análise, queremos facilitar aos pais a tarefa de levarem os seus filhos aos pés de Jesus todos os dias, através de uma variedade de abordagens apelativas.

É hora de equipar pais ocupados e cansados com lições bíblicas adequadas à idade, que unam as famílias todos os dias para partilharem estas mensagens de maneira atraente, pessoalmente desafiadora e missionária.

O que há de novo para os monitores da Escola Sabatina?

Se é monitor da Escola Sabatina, pode contar com um programa fácil de seguir que primeiro aborda o seu crescimento espiritual antes de se preparar para ensinar. Encontrará um programa simples e outro detalhado, juntamente com estratégias para contar histórias, trabalhos manuais, músicas novas e

conhecidas (disponíveis para *download* no nosso *site* e na nossa *app*) e a filosofia das novas lições incorporada em cada programa. A partir do Jardim de Infância (que se chamará *Infantis*), encontrará lições sobre a Natureza, histórias missionárias alinhadas com as Grandes Ideias semanais, cartões colecionáveis e estratégias para partilhar e aprofundar a história bíblica explorada durante a semana.

Para ajudá-lo a preparar-se para este novo Currículo, pode encontrar vídeos formativos no nosso *site Alive in Jesus*.

Orem Connosco

O *Vivos em Jesus* é distintamente Adventista do Sétimo Dia e mostra que a Bíblia é a fonte da verdade e da paz num mundo em constante mudança. A sua abordagem holística sobre a graça, o caráter e a Missão constroem um amor por Jesus e pela Sua mensagem. Mas este *Vivos em Jesus* também é para si, pai, mãe, avó, avô, tutor e líder, pois acreditamos que fortalecerá a sua caminhada com Deus. Por favor, ore para que Deus guie o desenvolvimento deste novo Currículo e ore pelas crianças da sua igreja e da sua esfera de influência. Que as nossas crianças possam verdadeiramente

Ore para que Deus guie o desenvolvimento deste novo Currículo e ore pelas crianças da sua igreja e da sua esfera de influência.

Os níveis do *Vivos em Jesus* são:

BEBÉS

do nascimento aos 12 meses

INICIANTES

1-3 anos

INFANTIS

4-6 anos

PRIMÁRIOS

7-9 anos

PRÉ-ADOLESCENTES

10-12 anos

ADOLESCENTES

13-14 anos

JOVENS

15-18 anos

“lançar raízes para baixo e [dar] frutos para cima”. Isaías 37:3.

Portugal tem como objetivo lançar as primeiras quatro classes em 2026.

As restantes classes serão lançadas de forma gradual, posteriormente.

Aceda a www.aliveinjesus.info para obter uma visão geral mais detalhada do Currículo, exemplos de lições, vídeos formativos e mais informações sobre o novo Currículo da Escola Sabatina. Fale com o Diretor dos Ministérios da Criança da sua União para obter informações sobre o lançamento na sua igreja.



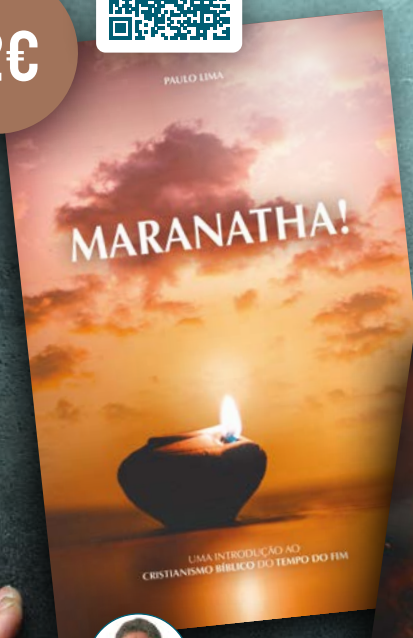
10€



AUTOR:
Roberto
Badenas



12€



AUTOR:
Paulo Lima



AUTOR:
Pavel Gora

Brevemente!

COMPRA ONLINE WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00

E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT | +351 925 896 870

Acompanhe esta e outras novidades através das redes sociais facebook.com/PSerVir instagram.com/PSerVir



—
Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt
[/podcasts/gravado-na-pedra](https://podcasts/gravado-na-pedra)



GRAVADO NA PEDRA

**Memórias dos
primórdios do
Cristianismo
no subsolo de Roma**

Entre os locais arqueológicos mais deslumbrantes e imperdíveis para o estudo dos primórdios do Cristianismo encontram-se as catacumbas da cidade de Roma.

Estes vastos labirintos escavados no subsolo, utilizados como locais de enterro, difundiram-se rapidamente na periferia da grande cidade, favorecidos pela natureza do substrato rochoso de Roma, composto de “tufa” vulcânica, porosa e macia, que facilitava a abertura de galerias e covas subterrâneas (Pergola, 1997: 64).

Dado que a lei romana proibia os enterros dentro da área urbana habitada, todas as necrópoles, incluindo as catacumbas, localizavam-se fora das muralhas da cidade, ao longo das grandes estradas de acesso à urbe, em especial ao longo da via *Appia*, da via *Salaria* ou da via *Aurelia*.

Atualmente conhecem-se cerca de quarenta complexos de catacumbas espalhados pelos subúrbios de Roma, vários dos quais identificados apenas nas últimas décadas, em resultado da expansão urbana contemporânea.

As mais célebres são as Catacumbas de Calisto e as de São Sebastião, cujo nome evoca os mártires cristãos que ali terão sido sepultados. Outras catacumbas receberam a designação a partir do topónimo do local onde se situavam ou então conservaram o nome do proprietário do terreno onde foram abertas. É o caso das famosas Catacumbas de Domitila, que, segundo a tradição cristã, se situavam numa propriedade pertencente à sobrinha ou à neta do Imperador Flávio Vespasiano (69-79

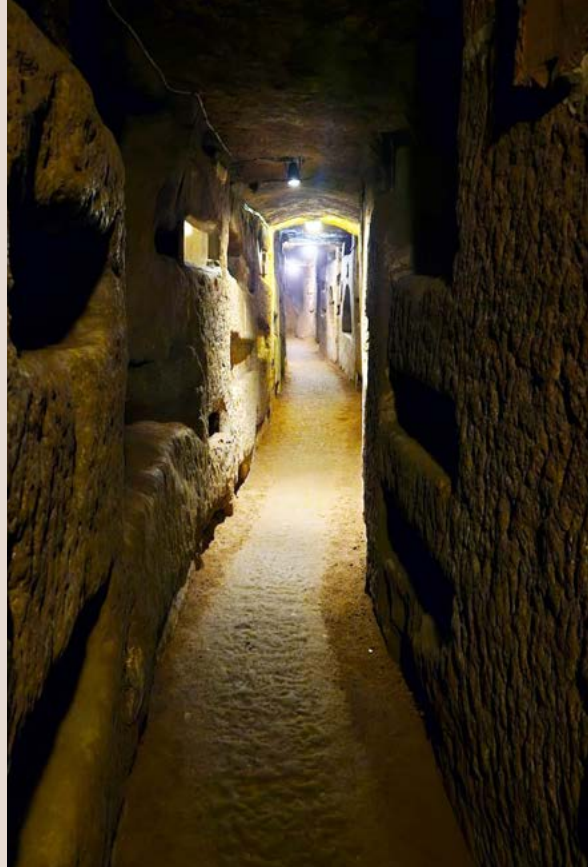


Fig. 1 – Corredor sinuoso das catacumbas de Roma (foto do autor).

d.C.), que se terá convertido ao Cristianismo.

Os Cristãos não adotaram o conceito greco-latino de *necropolis*, que significa “cidade dos mortos”, que remetia para a morada das almas dos defuntos. Em vez disso, recorreram ao termo grego *koimeterion*, de onde deriva o nosso vocábulo “cemitério”, com o sentido de “dormitório”, que exprime a convicção dos primeiros Cristãos de que a morte não passava de um sono, à espera do despertar (Stevenson, 1978: 7).

Só mais tarde seria atribuída a designação de “catacumbas”, termo etimologicamente derivado do grego *katákumbos*, formado por *katá*

(“debaixo”) e *kúmbes* (“cavidade” ou “oco”), significando, literalmente, “buraco subterrâneo”.

Embora a fama das catacumbas se deva sobretudo aos enterros cristãos, elas também albergaram sepulturas de praticantes das religiões clássicas pagãs e da comunidade judaica.

As catacumbas judaicas assumem especial relevância no estudo desta prática. Conhecem-se seis sítios em Roma que conservam sepulturas desta Comunidade, facilmente reconhecíveis pela iconografia judaica tradicional (como o candelabro), pela decoração em frescos que representam episódios do Antigo Testamento, bem como pela particularidade de os Judeus não visitarem os mortos, nem realizarem qualquer ritual nesse espaço (Pergola, 1997: 85).

As catacumbas difundem-se especialmente a partir do século II d.C., quando a cidade estava a crescer desmesuradamente e enfrentava o problema da sobrelotação demográfica e da falta de espaço para enterros.

Enquanto os Romanos, com as suas práticas de incineração, se contentavam com locais exíguos para enterrar as urnas com cinzas, em pequenas covas no solo ou em nichos das paredes, os Cristãos e os Judeus careciam de espaços mais amplos para a deposição dos corpos, sendo obrigados, ainda por cima, a realizar o seu rito às escondidas.

Para estas duas minorias religiosas, marcadas pela discriminação e pela perseguição, tal circunstância representava um grande desafio



Fig. 2 – Túmulo escavado na rocha com cobertura em arco, decorado com pintura de temática cristã (foto do autor).

logístico, dadas as dificuldades em manter os seus rituais resguardados da atenção pública. Escondidas na periferia urbana e escavadas a grande profundidade, as catacumbas eram uma solução económica, discreta e funcional. Para Cristãos e Judeus, que acreditavam na sacralidade do corpo criado por Deus e na sua preservação integral até à ressurreição final, estas estruturas constituíam a melhor alternativa em oposição à prática pagã da incineração dos corpos.

A existência destes cemitérios subterrâneos pressupunha a autorização dos proprietários dos terrenos, sugerindo, implicitamente, que eram



Cristãos ou, pelo menos, favoráveis à nova religião.

As catacumbas são compostas por vários níveis de galerias, a mais de 10 metros abaixo da superfície, acedendo por degraus estreitos, sendo formadas de diversos corredores de circulação e passagens subterrâneas, podendo atingir perto de 2km² de extensão no subsolo.

Os nichos funerários esculpidos nas paredes eram denominados de *loculi* (Pergola, 1997: 66), com 120 a 150cm de comprimento e 40 a 60cm de altura, ficando dispostos horizontalmente, em cima uns dos outros, a partir do chão.

Algumas famílias mandaram construir criptas com *cubiculos* que abrigavam vários nichos, encimados por arcos e decorados com frescos e outros elementos arquitetônicos. Os corpos eram geralmente envoltos por uma mortalha de linho, coberta de cal, o que dissimulava o odor da decomposição (Nardini, 1990: 16). As câmaras eram posteriormente lacradas com pedras de mármore, identificando o defunto, a sua idade, a data do falecimento e, por vezes, com frases apelativas aos visitantes.

Estes epitáfios cristãos, juntamente com as pinturas que adornam os tetos e as paredes das câmaras funerárias, são extremamente importantes para a história da epigrafia e da arte cristã primitivas, pois contêm as mais antigas representações gráficas da Bíblia, que testemunham as crenças cristãs nos séculos II e III d.C..

Grande parte das figuras artísticas pintadas nas catacumbas foram

inspiradas no relato bíblico – tanto do Antigo como do Novo Testamento – e mostram como as Escrituras eram bem conhecidas da Igreja primitiva. Há representações de Adão e Eva, do sacrifício de Abraão e Isaque, do milagre de Moisés de tirar água da rocha, de Daniel na cova dos leões, de Jonas e da baleia, da visita dos Magos a Belém, do Bom Pastor e do Cordeiro de Deus (Nardini, 1990: 24).

As pinturas misturam, por vezes, simbologia pagã com imagens cristãs, refletindo a complexa transição dos Romanos ao abandonarem gradualmente as crenças antigas em favor da nova fé cristã.

A ligação entre a temática espiritual e o quotidiano manifesta-se em representações de Cristo e dos Apóstolos acompanhadas de cenas da vida de um padeiro, por exemplo, narrando simultaneamente o dia-a-dia de Roma e o simbolismo cristão do pão. O tema dos peixes também entrelaça aspetos seculares e religiosos. Por um lado, era um alimento básico da dieta diária, sendo a pesca uma atividade profissional bastante comum, mas, por outro lado, era um símbolo iconográfico secreto dos Cristãos durante as perseguições (Jensen, 2018: 4).

Os Cristãos desciam regularmente às catacumbas de Roma. As salas maiores, no seu interior, continham bancos ao longo das paredes, onde se promoviam encontros e assembleias de culto cristão em segredo ou se efetuavam cerimónias em honra dos mártires. Eram igualmente empregues para refeições familiares funerárias, em memória dos falecidos,

práticas herdadas da tradição pagã.

Alguns autores defendem que as catacumbas serviram de esconderijo durante as perseguições de Nero, após o grande incêndio de Roma, em 64 d.C.. No entanto, outros questionam esta afirmação, pois defendem que a maioria delas é posterior à época das perseguições e que esses abrigos subterrâneos eram tão conhecidos que seria fácil encontrar os Cristãos aí escondidos.

Embora as fontes históricas sejam muitas vezes contraditórias e não ofereçam provas irrefutáveis, é possível imaginar muitos Cristãos a refugiarem-se no intrincado labirinto de túneis e galerias das catacumbas, escondendo-se das autoridades romanas e mantendo viva a sua fé, durante os primeiros séculos do Cristianismo. Elas constituíam um local seguro para se reunirem e praticarem as suas crenças sem medo de represálias, desempenhando um papel crucial na sobrevivência e no fortalecimento da comunidade paleocristã durante os períodos de maior perseguição.

Quando, em 380 d.C., o Imperador Teodósio I proclamou o Cristianismo como religião oficial do Império, a cremação encontrava-se já praticamente extinta e a prática do enterro em catacumbas foi gradualmente substituída pelos cemitérios abertos nos adros das igrejas.

Por essa altura, muitos Cristãos romanos acorreram às catacumbas a fim de ficar com relíquias dos mártires e o vandalismo tornou-se desenfreado. Os próprios Bárbaros que sa-



Fig. 3 – Lápide de mármore gravada com simbologia paleocristã (foto do autor).

quearam Roma, no século V, também violaram as catacumbas, presumivelmente à procura de objetos de valor.

E, no século X, as catacumbas estavam praticamente abandonadas e as relíquias sagradas tinham sido transferidas para as basílicas da cidade. Estas galerias subterrâneas permaneceram esquecidas, até serem redescobertas no século XVI (Nardini, 1990: 26), e constituem hoje um dos principais atrativos arqueológicos da cidade de Roma.

Bibliografia:

NARDINI, Bruno (1990) – “Introduction”. In Antonio Ferrua (ed.) – *The Unknown Catacomb. A Unique Discovery of Early Christian art*. Geddes & Grosset.

JENSEN, Robin M. (2000) – *Understanding Early Christian Art*. New York: Routledge, 2000.

JENSEN, Robin M. (2018) – “Introduction: Early Christian Art”. In Robin M. Jensen e Mark D. Ellison (eds.) – *The Routledge handbook of Early Christian Art*. Routledge: Londres.

PERGOLA, Philippe (1997) – *Le catacombe romane: storia e topografia*. La Nuova Italia: Florença.

STEVENSON, James (1978) – *The Catacombs. Life and Death in Early Christianity*. Thames and Hudson Ltd.: London.



Fernando Esteves

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Este mês entrevistamos um homem cuja vida é marcada pela dor, pela fé, pela resiliência e, sobretudo, pela esperança. O nosso convidado nasceu no dia 5 de dezembro de 1950, em Coimbra, e desde cedo aprendeu que a vida é feita de lutas. Cresceu no Centro do nosso país numa família marcada pelo alcoolismo do pai, mas também pela força e pela sabedoria de uma mãe que nunca desistiu. Casou com Maria Fernanda e juntos formaram uma família, mas enfrentou perdas irreparáveis. Desde logo, dois filhos que partiram demasiado cedo. Carrega também no corpo marcas do sofrimento devido a um acidente de trabalho que o levou a enfrentar quatro cirurgias bastante dolorosas.

Mas, em cada capítulo da sua história, Fernando encontrou forças para se levantar, para perdoar e para continuar a acreditar, juntamente com a sua esposa de uma vida. É pai de um Pastor e de uma advogada, avô de três netos e tem uma vida que exemplifica como a fé pode transformar a tragédia em esperança. Vamos conhecer a vida de Fernando Esteves, olhos nos olhos.

ED: Muito bem-vindo, Fernando. Muito obrigado por nos dar a oportunidade de conhecermos mais sobre a sua história. Acredita que tem uma história que pode inspirar alguém que nos acompanhe e nos leia?

FE: Eu acredito que sim, porque o Homem tem uma necessidade muito grande de ter algum apoio para poder suportar com mais facilidade as agruras da vida. E este apoio só pode vir de Cima. E foi aí que realmente estive toda a minha força.

ED: Nasceu em 1950, cresceu nos anos 50 e 60 no Centro, em Larçã, uma aldeia perto de Coimbra. Como foi a sua infância?

FE: A minha infância foi a infância de todos os meninos da época. Tínhamos de ajudar os pais em casa, sobretudo a minha mãe, que era uma mulher de múltiplos ofícios, para poder sustentar a família. Ela era também uma dedicada educadora, que educou bem os seus filhos e os tornou realmente pessoas sociáveis. Eu fui trabalhar com 11 anos e a minha formação começou aí.

ED: Eram quatro rapazes e duas raparigas. Numa família mais matriarcal ou mais patriarcal? Quem é que mandava lá em casa?

FE: Tenho de dizer sempre matriarcal, porque o meu pai não tinha

O Homem tem uma necessidade muito grande de ter algum apoio para poder suportar com mais facilidade as agruras da vida. E este apoio só pode vir de Cima!



condições para realmente ser uma pessoa que pudesse dar uma ajuda, sobretudo na educação. Era um funcionário público que, por causa do alcoolismo, criou problemas de toda a espécie. No entanto, fui eu que cuidei dele nos últimos tempos da sua vida, porque o Senhor Jesus colocou isso no meu coração. Ele foi para a minha casa logo que ficou viúvo.

ED: Então, a sua mãe morreu primeiro do que o seu pai. Disseram-me que a sua mãe era dotada de uma grande sabedoria...

FE: A minha mãe praticamente não teve escola. Ela tinha de transportar à cabeça pedra para os fornos de cozer a cal, que era o cimento da época. Nessa altura, ela teria, talvez, uns dez anos. Então, não pôde ter escola. Mas ela era uma criatura muito sábia. Ela foi a primeira pessoa que ensinou a ler a mim e aos meus irmãos. Sem nunca ter andado na escola, ela sabia ler. Lembro-me de um pormenor muito



interessante. A minha mãe lia a Bíblia e chorava muito. Ela ficava muito melindrada com a história da crucificação de Jesus. O facto de os Seus familiares não terem podido fazer nada por Ele tocava-lhe muito o coração. Ela era uma mulher muito religiosa.

ED: Mas é só muito mais tarde que o Fernando começa a interessar-se pelas questões religiosas? Ou já na adolescência tinha alguma curiosidade?

FE: Sempre acreditei em Deus e sempre fiz orações diferentes. Com nove anos, recordo-me de perder um dia uma carteira, que tinha lá dentro uns tostões. Eu fui orar de joelhos para que o Senhor me ajudasse a encontrar a carteira. Eu penso que fui Adventista desde que nasci. Quando disseram à minha mãe: “O teu filho agora é Protestante”, ela respondeu: “Graças a Deus, ele encontrou um caminho.”

ED: Começa a trabalhar aos 11 anos. O que fazia com 11 anos?

FE: Fui para uma metalurgia. Três meses depois de lá estar, era profissional na minha máquina, fazia produtos acabados. Depois, tive um problema porque a máquina feriu-me numa perna, junto ao osso ilíaco, e a minha mãe não me deixou trabalhar lá mais. Então, fui trabalhar para uma fábrica de cerâmica. Passado pouco tempo, era responsável por um dos trabalhos dentro da cerâmica.

ED: Sai desta empresa e vai para outra. Quais eram os seus objetivos nessa altura?

FE: Eu tinha sonhos. Sonhava ter um carro para conhecer o mundo. Quando eu vi pela primeira vez um automóvel, aos 12 anos, fiquei encantado. Outro sonho que se concretizou foi poder visitar a Europa com os meus filhos. Tinha também o sonho de alcançar um trabalho melhor. Alguma coisa que pudesse vir a tornar a minha vida e a vida dos meus filhos mais fácil.

ED: Nos anos 60 vai cumprir o serviço militar obrigatório. Antes de ir para a tropa já tinha casado com a Fernanda. Como é que conheceu a Fernanda?

FE: Conheci a Fernanda num bailarico. Eu convidei-a para dançar e começámos a namorar até que casámos. Depois, tivemos o nosso primeiro filho, que acabou por falecer.

ED: O seu primeiro filho chamava-se Pedro Miguel e nasceu em 1971.

Mas os anos de 1974 e 1975 foram os mais difíceis para si e para a sua esposa, pois aconteceram duas tragédias. Foram os anos em que perderam dois filhos, em circunstâncias diferentes.

FE: Em 1974, começámos por perder o Nelson, que acabara de nascer. É interessante que esta criança despertou a minha vida religiosa. Eu sempre acreditei em Deus, mas, nessa data, comecei a considerar o batismo. Assim, batizei-me em maio de 1975.

ED: Em setembro de 75 acontece algo que era absolutamente imprevisível e devastador: A morte do Pedro Miguel, com quatro anos. O que aconteceu?

FE: Eu andava numa moto pequena e transportava a Fernanda do trabalho. Quando chegámos a casa, o nosso filho ouviu a moto e correu para mim. Entretanto, vinha uma outra moto com uma velocidade tremenda e bateu no nosso filho, na cabeça. O nosso sofrimento nos dias seguintes, nos meses seguintes, nos anos seguintes, foi atroz. Se estivéssemos a ver um programa de televisão em que aparecessem crianças, nós chorávamos.

ED: Mas, de alguma forma, tentaram recuperar e agarraram-se muito à vossa Comunidade Adventista, que vos apoiou bastante. Como é que uma Comunidade pode apoiar dois pais que perderam dois filhos?

FE: Nós estávamos perante uma congregação de pessoas que tinham os mesmos princípios, acreditavam nos mesmos valores. A nossa Comunidade foi acolhedora, maravilhosa.

ED: E onde é que entra o papel da fé e da esperança na superação de algo assim tão avassalador? Nunca se revoltou contra Deus?

FE: Não! Em nenhum momento! Uma vez ouvi dizer que o Senhor levanta o véu aos necessitados. Ele deixa ver mais um pouco. Eu vivi experiências muito incomuns.

ED: Evangelizar ao serviço da Igreja também era um sonho seu?

FE: Quando cheguei à Igreja, o Pastor Graça fez um culto e contou um pouco da minha vida. E eu disse assim: “Meu Deus, não tenho feito nada por Ti.” Então, decidi fazer algo sozinho. À época, havia a série de 15 folhetos missionários designada “Verdades Eternas”. Eu andava de porta em porta, na cidade de Coimbra, a deixar os folhetos, aqui e ali. Tornei-me num missionário.

ED: Fernando, quando olha para todos os milagres que aconteceram na sua vida, acredita que Deus tinha um plano especial para si, considerando a forma como chegou a tantas pessoas?

FE: Eu acredito fielmente que sim. Deus tem um plano para cada pessoa. E não acredito que a missão de uma pessoa seja apenas distribuir folhetos. Pode ser pregar o Evangelho sem vergonha. Há pessoas que são mais dotadas do que outras. Eu sou um homem que comunico com muita facilidade. E tive o privilégio de ter como última profissão um ministério pastoral em que falei com centenas e centenas de pessoas sobre a minha fé.

Deus tem um plano para cada pessoa. E não acredito que a missão de uma pessoa seja apenas distribuir folhetos.



ED: O Fernando também tem uma história com um vício que acaba por ser algo que ainda atinge muitas pessoas: O vício do tabaco. Fumava de forma compulsiva?

FE: Sim. Eu habituei-me a fumar muito por causa do jogo, quando estava na tropa e ficava a noite sem dormir. Nós jogávamos às cartas a dinheiro durante noites inteiras. E isso fez com que eu apanhasse o vício do tabaco.

ED: E como resolveu isso antes do seu batismo?

FE: Eu estava preparado para o batismo. Eu queria batizar-me e sabia que não era possível batizar-me e continuar a fumar. Eu fumei até ao dia do batismo. Sentia-me impotente para largar a nicotina. Eu fiz tudo. No Sábado do batismo, almoçámos com a família do Pastor. Não levávamos comida naquele dia. O Pastor ofereceu-me a refeição. Ele gostava muito de mim. Eu estava à mesa e estava a pensar: “Ah, eu não consigo largar o tabaco, meu Deus!” E clamei ao Céu em busca de auxílio. Depois do batismo, à tarde, nunca mais tive vontade de fumar. Nunca mais fumei, até hoje.

ED: E para quem nos vê e tem um vício, seja ele qual for, o que lhe diria?

FE: Ah, eu teria a dizer: “Crê em

Depois do batismo, à tarde, nunca mais tive vontade de fumar. Nunca mais fumei, até hoje.



Deus. Procura Deus.” Ele é o Senhor de todos os poderes.

ED: Entretanto, o Fernando teve mais um filho, o Pedro, que é Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e uma filha, a Rute. Teve alguma influência para que o seu filho viesse a ser Pastor?

FE: Eu abri com outras pessoas uma pequena sala de culto na Pampilhosa, e, nessa época, eu já entregava ao Pedro coisas para ele fazer nessa pequena Comunidade onde nós íamos aos Sábados à tarde. Isso marcou-o.

ED: O Fernando trabalhou até como Pastor, porque esteve à frente de igrejas como líder espiritual. Olhando agora para trás, quais são aquelas características que acha que qualquer pessoa deve ter para alcançar o sucesso?

FE: Na igreja onde eu estive cinco anos como Pastor foi ter ao meu lado as pessoas que já lá estavam. Eu não vou mencionar nomes, mas houve

uma pessoa ali que me ajudou a abrir todas as portas. A igreja tornou-se conhecida. Íamos a reuniões da Câmara. Coisa que nunca tinha acontecido. Deixavam-nos fazer as festas de Natal na Biblioteca Municipal. Nunca lá tinha entrado Igreja alguma. Por causa das pessoas que já lá estavam, não por minha causa. E contei também com a bênção de Deus. Porque batizámos lá famílias inteiras. Num batistério que estava fechado há muitos anos.

ED: Se algum dia alguém quiser escrever um livro sobre a sua vida, qual seria o título que gostaria que esse livro tivesse?

FE: Eu gostava deste título: “Deixem as redes e venham.”

ED: Fernando, muito obrigado por ter estado connosco e nos ter dado o privilégio de o entrevistarmos neste programa.

FE: Obrigado eu pelo convite que me fizeram.



Pedro Esteves
*Diretor da Novo
Tempo Portugal*

Missionários Digitais

Os meios e os recursos digitais que temos hoje à nossa disposição criam uma extraordinária oportunidade para todos os discípulos de Cristo que estão comprometidos em partilhar o Evangelho. Talvez em nenhum momento da História foi tão fácil ter acesso a conteúdos que podem ser partilhados e gerar influência, tendo o potencial de alcançar muitas pessoas. Em Portugal vivemos um especial momento de oportunidade de alcance de pessoas e de multiplicação de conteúdo através da *Novo Tempo Portugal*, resultado da presença na Televisão e da publicação de dezenas de horas de programação todos os meses. É por isso que, neste século digital e no contexto em que vivemos, o mundo está carente de missionários digitais, e é urgente os crentes perceberem que este é o tempo de sermos TODOS missionários digitais. Mas será que isto só está ao alcance de jovens e especialistas em redes sociais? De forma alguma! Neste artigo, vamos tentar mostra-lhe porquê e como fazê-lo.

É importante definirmos três conceitos-chave para os propósitos desta reflexão.

MISSÃO: A ordem de que o Evangelho seja proclamado ao maior número de pessoas possível.

MINISTÉRIO: O que cada discípulo pode fazer para que o Evangelho seja anunciado.

DIGITAL: Um campo missionário enorme, porque as pessoas estão massivamente presentes no mundo digital e consomem conteúdo através das diversas formas de distribuição (Televisão, Rádio, Redes Sociais, Aplicações de mensagens, Plataformas de vídeo ou áudio, como *Youtube*, *Spotify*, etc.).

Estes três “universos” precisam de ser conectados, e temos formas de o fazer com sabedoria e eficácia. Para isso, precisamos de ter em contas alguns princípios essenciais.

1. Cultura de Interação (Engagement)

Para termos uma verdadeira cultura de missionários digitais, precisamos de crentes, ferramentas, projetos e métodos que, de forma ousada e sábia, busquem e criem oportunidades

para convidar e desafiar as pessoas, fazer perguntas, provocar discussões, facilitar reações e interação. É essencial promovermos, na atitude de cada missionário e nos conteúdos que criamos ou disponibilizamos, uma cultura de envolvimento e interação (que, no mundo digital, se designa, muitas vezes, por *Engagement*). Um princípio de missão universal, mas que tem especial aplicação no digital, é considerarmos que a força evangelística de um conteúdo está no seu potencial de interação mais do que na sua “verdade” ou, até, na sua qualidade.

2. Ministério Pessoal

Estamos habituados a usar este termo e estamos familiarizados com os conceitos que lhe estão associados, mas, com frequência, há uma dimensão que fica um pouco esquecida. O que é um ministério pessoal? O que precisa de acontecer para que alguém tenha de facto um ministério pessoal ativo e frutífero? Que elementos fazem parte da essência de um ministério pessoal? Podemos responder a estas questões afirmando que só há ministério pessoal, se existirem três elementos em atuação ao mesmo tempo:

MINISTÉRIO: Áreas, meios ou ferramentas através dos quais podemos alcançar as pessoas para as expor ao Evangelho e aos seus valores (um folheto, um livro, um vídeo, um *podcast*, uma conferência, uma música, etc.).

PESSOAL: Um discípulo de Cristo, comprometido em partilhar o Evangelho.

CONVITE: A habilidade e a coragem de fazer perguntas, desafiar

**Só há efetivo
ministério pessoal
quando juntamos
ao instrumento de
missão que usamos um
mecanismo que crie o
potencial de interação.**

à ação, provocar reações, interagir, convidar.

Ora, é este terceiro elemento que precisa de ser bem considerado. Só há efetivo ministério pessoal quando juntamos ao instrumento de missão que usamos um mecanismo que crie o potencial de interação, de haver resposta ou, no mínimo, de ser feito um convite que possa ser respondido. No mundo da *Media*, chamamos a isto o CTA, isto é, o “*Call to Action*” (“Chamado à Ação”). Sem ele, reduzimos drasticamente o potencial de alguém responder ou se mostrar interessado. Logo, ser um missionário digital implica aprender e praticar esta “arte” de promover e facilitar a resposta daqueles com quem partilhamos conteúdo.

3. Gospelware

Queremos introduzi-lo a este termo que foi criado para expressar um outro grande pilar do ministério do missionário digital. Para que seja possível ter conteúdo no digital, são necessárias algumas condições técnicas de base, que se resumem em duas áreas. **Hardware** – Os equipamentos ou o conjunto das partes físicas de um dispositivo



eletrônico, como câmaras, computadores, *smartphones*, luzes, microfones, discos, estúdios, etc. Mas estes equipamentos, hoje, estão basicamente inutilizados sem a existência de **Software** – O conjunto de programas e instruções que fazem o *Hardware* funcionar, tais como editores de texto, programas de edição de imagem e vídeo, efeitos visuais, plataformas de transmissão, etc.

Ora, se tudo isto é essencial para se produzir conteúdo que nos ajude a cumprirmos a missão de proclamarmos o Evangelho, a verdade é que, se o *Hardware* e o *Software* forem a essência dos ministérios de *Media* e da nossa presença no digital, então ainda não chegamos a ter um ministério. É para responder a este risco que lhe falamos do conceito de **GOSPELWARE**. Do que se trata? Porque o Evangelho não é apenas informação, mas, sim, um chamado e um convite, cumprir a missão no digital não é tanto sobre ter a capacidade técnica para produzir conteúdo ou, até mesmo, tê-lo disponível, mas mais sobre criar oportunidades de interação, facilitar a manifestação de interesse em estudar

a Bíblia, promover o crescimento espiritual. Nos ministérios digitais (como em toda a missão, na verdade!), o foco **NÃO** deve estar somente em apresentar a mensagem numa “forma” específica (seja um vídeo, um *podcast* ou um livro) mas, sim, em criar estratégias para desafiar as pessoas a reagirem e a amadurecerem o seu interesse.

Com base nestes princípios gerais, podemos definir como missionário digital a pessoa que faz a **PONTE** entre um conteúdo digital e uma pessoa intencionalmente escolhida. A Igreja – local ou nacional – tem o papel de apoiar o missionário digital, fornecendo recursos que sustentam este processo de “ponte”.

O que deve fazer então um missionário digital para desenvolver a sua missão? Podemos identificar seis passos essenciais.

Identificar um interessado – Prestar atenção a quem demonstra curiosidade espiritual ou faz perguntas sobre fé e procurar pessoas abertas ao diálogo no ambiente digital ou dispostas a receber conteúdos digitais.

Conhecer a sua história (desafios, necessidades, gostos) – Dedicar tempo a ouvir e mostrar empatia pelo que a pessoa vive, e fazê-lo com atenção, para compreender o seu contexto de vida, e ter em conta detalhes relevantes.

Selecionar um conteúdo digital de forma intencional – Escolher materiais que respondam diretamente às necessidades identificadas.

Fazer a ponte – partilhar, recomendar, perguntar – Partilhar vídeos, artigos ou mensagens que falem à situação da pessoa. Não se trata unicamente de enviar o conteúdo, mas recomendar com propósito, convidar a reagir, pedir reações.

Acompanhar no processo de amadurecer o interesse – Manter contacto, responder às dúvidas, tentar iniciar diálogos frutíferos sobre um tema, sugerir conteúdos para ir mais longe.

Criar oportunidades para colher – Aprofundar as conversas, promover encontros presenciais, orientar para um crescimento progressivo, convidar a pessoa a tomar decisões espirituais e explorar possibilidades de se integrar numa Comunidade.

Finalmente, para o ajudar neste “novo mundo” da missão no digital, deixamos algumas dicas práticas que podem fazer a diferença para um ministério mais eficaz e frutífero.

Proibido “spam” evangelístico – Este fenómeno acontece quando pessoas, mesmo que bem-intencionadas, enviam mensagens religiosas em massa, sem relação pessoal ou sem pedido do destinatário, o que pode gerar rejeição, em vez de abrir espaço para o diálogo e para o testemunho. Ser missionário

digital não é encher as pessoas com mensagens ou conteúdos espirituais, por muito bons que sejam, mas, sim, cultivar relacionamentos genuínos, usando meios ou conteúdos digitais.

Uso intencional das redes sociais pessoais – Aproveitar os perfis próprios como espaço de testemunho, escolhendo com sabedoria o que partilhar e definindo intencionalmente os

Ser missionário digital não é encher as pessoas com mensagens ou conteúdos espirituais, por muito bons que sejam, mas, sim, cultivar relacionamentos genuínos, usando meios ou conteúdos digitais.



objetivos, os momentos e as pessoas.

Fazer partilhas de conteúdos de forma personalizada – Mostrar cuidado ao recomendar algo diretamente a alguém, criando proximidade e confiança. Podem ser mensagens pessoais de ânimo, textos bíblicos com um comentário pessoal, ou conteúdos que se adaptem à realidade da pessoa. Estes conteúdos devem oferecer valor real através de palavras que inspirem, confortem e edifiquem.

Criar ferramentas “ponte” – físico para digital – Usar convites, cartões ou lembranças para ligar encontros presenciais ao ambiente *online*.

Poder do “Storytelling” – Contar histórias pessoais ou de fé, que toquem o coração e permitam às pessoas reverem-se nelas, tem muito poder. Sobretudo para quem partilha conteúdos por meio das suas redes sociais, criar narrativa permite às pessoas identi-

carem-se muito mais do que quando apenas partilhamos frases feitas ou conteúdos avulsos.

Criar Comunidade – A missão no digital será mais bem-sucedida quando não se limita a ter seguidores e a partilhar conteúdos, mas tem como objetivo construir Comunidades, espaços de pertença e de acompanhamento espiritual. Isto pode acontecer através de pequenos grupos ou grupos de apoio, sejam eles *online* ou presenciais.

Foco no Evangelho – A vida religiosa pode ser uma excelente fonte de conteúdo quando a mostramos como parte da vida quotidiana. O missionário digital deve partilhar a fé de forma natural, mostrando como o Evangelho se vive no dia-a-dia.

Fazer menos declarações absolutas e promover mais conversas – Mesmo se, como Adventistas, temos sobre muitas questões convicções fortes e, sobretudo, um forte apoio na revelação bíblica, que é para nós palavra definitiva, na missão precisamos de abrir espaço ao diálogo, ouvir as pessoas e responder com respeito e proximidade, porque esse é o melhor caminho para nos darem oportunidade de expormos os nossos pontos de vista e de estarem sensíveis ao que temos a partilhar.

Deixamos este conjunto de reflexões e sugestões que podem ajudá-lo a ser um missionário digital e lembramos que os conteúdos e a existência da *Novo Tempo Portugal* na televisão (MEO 186) ou nas plataformas (*Youtube, App* ou no *website* www.novotempo.pt) são um manancial de oportunidades para aplicar os conceitos que aqui partilhámos.

Seja um missionário digital!





—
João Daniel Faustino
*Diretor do Departamento
de Educação da UPASD*

O meu lugar na minha igreja

Tu tens um espaço na tua igreja!

A vida universitária é uma fase de transição intensa, com novos horários, novos amigos, novas ideias, novas responsabilidades. Um tempo de escolhas, crescimento e novas experiências. Mas, para o jovem Adventista, é também um momento decisivo na caminhada espiritual. Entre trabalhos, exames e amizades, a tentação de fazer uma “pausa” na Igreja é algo bem real. Mas a Bíblia recorda-nos: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade” (Eclesiastes 12:1).

O chamado divino não é para mais tarde, quando a vida estiver “estabilizada”, mas para agora! O envolvimento na igreja local é um meio essencial de manter viva a fé e de participar ativamente na missão de Deus.

A Bíblia mostra-nos que Deus sempre chamou jovens para missões importantes:

José foi usado no Egito em plena juventude (Génesis 41:46).

Daniel decidiu permanecer fiel, mesmo longe de casa (Daniel 1:8).

**O chamado divino
não é para mais
tarde, quando
a vida estiver
“estabilizada”,
mas para agora!**

Timóteo recebeu de Paulo o encorajamento: “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, sê exemplo dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza” (I Timóteo 4:12).

Estes exemplos confirmam que a juventude não é um tempo de espera, mas, sim, um tempo de ação. O Senhor dá dons e pede que os coloquemos já ao Seu serviço (Mateus 25:14-30).

É fácil pensar na igreja como um local onde “assistimos” ao culto, como se fôssemos assistir a um espetáculo. Entramos, sentamo-nos e alguém irá apresentar algo que preparou para nós. Mas a Bíblia mostra outra

A Igreja é a tua família. Numa família, todos têm o seu lugar e a sua função, e, se alguém se afasta, todos sentem a diferença.

visão: “Assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo, e membros uns dos outros” (Romanos 12:5).

A Igreja é a tua família. Numa família, todos têm o seu lugar e a sua função, e, se alguém se afasta, todos sentem a diferença. Se alguém tem um problema, todos sofrem também. A Igreja não é completa sem a tua presença e sem o teu contributo.

O apóstolo Paulo reforça esta ideia no seguinte texto: “A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso” (I Coríntios 12:7). Não há dons pequenos, nem serviços insignificantes. O que parece simples pode ser, para outro, um testemunho de fé que transforma vidas.

A Igreja é como um laboratório de dons, o espaço onde podes experimentar e desenvolver os talentos que Deus te deu. Não precisas de começar com algo grandioso. Nota esta afirmação de Jesus: “Quem é fiel no pouco também é fiel no muito” (Lucas 16:10).

Alguns exemplos práticos de participação na tua igreja:

Música: Louvar com voz ou instrumentos, apoiar programas especiais.



Comunicação: Ensinar numa classe, dinamizar debates, apoiar nas redes sociais.

Serviço: Participar em projetos de solidariedade, visitar doentes e idosos.

Criatividade: Criar conteúdos digitais, apoiar a produção audiovisual, pensar em iniciativas missionárias.

Ao servires, descobrirás não só dons que desconhecias mas também o prazer de ser útil no serviço de Deus.

A fé não é apenas uma teoria; é algo prático, como podemos ver nas palavras de Tiago: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tiago 1:22). O envolvimento na igreja dá-nos competências que não se aprendem em manuais académicos: A liderança humilde, o trabalho em equipa, a perseverança, a resolução de conflitos. Para além de ainda fortalecer o carácter cristão, como nos recorda Paulo: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não para os homens” (Colossenses 3:23). Mesmo as tarefas simples, como organizar cadeiras, receber as visitas, preparar um programa, tornam-se atos de adoração, quando feitos para Deus.

A ligação à igreja fortalece-te e prepara-te para testemunhares na Universidade. Jesus declarou: “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte” (Mateus 5:14). Ao participares ativamente na tua igreja, mostras aos teus colegas que a tua fé não é somente uma tradição, mas, sim, um compromisso vivo. Isso abre portas para conversas espirituais, e pode despertar a curiosidade deles para o conhecimento de Deus. Pedro desafia-nos: “Estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (I Pedro 3:15). O teu envolvimento é como um testemunho silencioso, mas poderoso!



É verdade, ser estudante e, ao mesmo tempo, participar na igreja traz desafios. Por vezes, há falta de tempo, de reconhecimento ou de compreensão entre gerações, mas Cristo deixou-nos o Seu exemplo: “Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Marcos 10:45).

Seguir Jesus implica serviço abnegado e, mesmo quando os obstáculos surgem, a promessa mantém-se: “Portanto, meus ama-

O envolvimento na igreja dá-nos competências que não se aprendem em manuais académicos: A liderança humilde, o trabalho em equipa, a perseverança, a resolução de conflitos.



dos irmãos, sede firmes e inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (I Coríntios 15:58).

Cada esforço feito por amor, mesmo que não seja visto ou reconhecido, tem um valor eterno para Deus! Deus não pede que te esgotes. Ele deseja equilíbrio e sabedoria. Jesus disse: “Buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6:33).

O envolvimento na igreja não deve competir com o tempo para os estudos, mas integrar-se numa vida equilibrada. A disciplina espiritual ajuda também a organizar melhor o tempo e a cultivar hábitos que beneficiarão a vida académica e profissional. Paulo lembrava-nos isso de uma forma bem simples: “Quer comais, quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus” (I Coríntios 10:31). O estudo e o serviço na igreja podem ambos ser atos de adoração, quando vividos para a glória de Deus.

Não deixes para depois aquilo que Deus te pede agora. O tempo de universitário não deve ser um parêntesis na tua vida espiritual, mas uma oportunidade de fortaleceres a tua fé, que te impele a servir de forma ativa.

**Cada esforço feito
por amor, mesmo
que não seja visto
ou reconhecido,
tem um valor eterno
para Deus!**

Paulo apelou aos Romanos: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12:2). O teu envolvimento na tua igreja é uma forma prática de viveres esta transformação. A tua geração tem um papel essencial no presente da Igreja. O teu entusiasmo, a tua criatividade e a tua coragem podem inspirar outros e fortalecer a tua Comunidade. Não esperes pelo futuro! Tu és a Igreja presente! Começa já hoje!

A tua igreja local precisa de ti. E tu também precisas da tua igreja. Não te contentes em ocupar um lugar no banco. Faz a tua parte nesta missão.

“Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Apocalipse 3:11).



Ouve o teu pai e a tua mãe

O livro de Provérbios é uma fonte de sabedoria para a vida prática. Logo no primeiro capítulo encontramos este versículo: “Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe” (Provérbios 1:8).

É interessante perceber o contexto em que aparece esta exortação. A partir do versículo 10, o texto fala de um jovem que é seduzido ou incitado por outros jovens a praticar um crime contra pessoas inocentes com a perspectiva de grande benefício material. Mais à frente, uma forte advertência é feita acerca do risco de vida que tal aventura representa (vv. 18 e 19). De alguma forma, o propósito de Provérbios é dar aos jovens conhecimento, bom senso e prudência (Provérbios 1:4). Esta é também a missão dos pais, que, em circunstâncias normais, são aqueles que mais se preocupam, que

melhor bem querem aos seus filhos e que mais os amam.

Põe-se, entretanto, uma questão: Quantos filhos querem hoje ouvir os seus pais? Numa era digital onde o *Google* e a Inteligência Artificial podem oferecer respostas a qualquer pergunta que um jovem tiver, porque maçá-los? Afinal de contas, eles estão sempre tão ocupados!

Um estudo realizado nos anos 1950 pela Universidade de Harvard, com estudantes do género masculino daquela instituição, revelou que, entre os alunos que não tinham um relacionamento afetuoso e próximo com o seu pai e com a sua mãe durante esse período da sua vida, 91% tinham desenvolvido doenças na meia-idade, 35 anos mais tarde: Doenças cardiovasculares, úlcera do duodeno e alcoolismo, entre outras. Entre aqueles que, pelo contrá-



rio, tinham tido uma relação muito boa com os seus pais no período da sua juventude, a prevalência de doenças graves era de 45%. Como entender este e outros estudos semelhantes que vão na mesma direção? Teriam estes homens melhor saúde por terem ouvido os conselhos dos pais ou por terem tido, de facto, uma boa relação com eles? O mais certo é que ambas as hipóteses sejam válidas e se complementem entre si.

Na crise que afeta as famílias de hoje, podemos assinalar o trágico cumprimento da profecia para os últimos tempos, que nos fala de filhos “desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados” (II Timóteo 3:2b e 3a). Sem esquecer que, muitas vezes, são os pais que falham, ao provocarem os filhos à ira e ao deixarem de os criar na disciplina e na admoestação do Senhor (Efésios 6:4). Até porque, como diz Salomão, “o temor do Senhor é o princípio do saber” (Provérbios 1:7).

Há poucos dias li uma história numa rede social que me tocou muito. Tentei, sem sucesso, verificar a sua veracidade. Contudo, ainda que ela tenha sido inventada, não faltarão outras histórias parecidas que, infelizmente, têm tudo de verdade. A história começa com uma jovem que, para ir a uma festa, com medo de que o seu desejo lhe seja negado, mente aos pais e diz que vai sair com uma amiga e que volta cedo. Na festa, um amigo, afetado pelo consumo recente de álcool e drogas, convida-a para dar uma volta no seu carro. Ela tem a intuição de que deve recusar, mas não o consegue fazer. Já no carro, assustada, pede-lhe que a leve a casa e que conduza mais deva-

gar, ao que ele responde, num frenesim diabólico, com uma velocidade ainda maior. Até que, de repente, tudo se faz escuro. Daí a mais alguns momentos, sirenes, luzes, bombeiros, polícias, enfermeiros. Já no hospital alguém fala com ela e diz-lhe: “Tiveste um acidente muito grave. As duas pessoas do outro carro em que bateram morreram e o rapaz com quem ias também morreu. Vamos fazer tudo para te ajudar.” O remorso e a dor são, neste momento, insuportáveis para a jovem. Com a lucidez que o momento ainda lhe permite ter, diz então à enfermeira que a assiste: “Por favor, diga à família das outras pessoas que lamento o que aconteceu. Que me perdoe. Diga também aos meus pais que me arrependo muito por lhes ter mentido e que os amo.” A enfermeira não diz uma palavra, apenas baixa o olhar em silêncio. Pouco tempo depois, aquela jovem não resiste aos ferimentos e morre também. Alguém que estava presente nesta última conversa protestou junto da enfermeira: “Porque não prometeste atender ao último pedido da pobre jovem?” De uma forma pesada e dolorosa, a enfermeira respondeu: “Os ocupantes do outro carro eram os pais dela. Ficaram preocupados com a demora da filha e foram à sua procura.”

Foi a propósito de histórias trágicas como esta, e para as prevenir, que Salomão escreveu Provérbios 1. Uma relação de confiança e amor entre pais e filhos é fundamental para a sua segurança. Uma promessa para nós, hoje, encontra-se em Malaquias 4:6: “Converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais.”



Conceição Lagoa

*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*

ABEL

O amigo que ofereceu o melhor a Deus!



"Pela fé, Abel ofereceu a
Deus um sacrifício mais
aceitável do que Caim"
(Hebreus 11:4).



Aponta o telemóvel e descobre as surpresas
que preparámos para ti!

[recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/
espaco-juvenil-herois-da-biblia-outubro-2025/](https://recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/espaco-juvenil-herois-da-biblia-outubro-2025/)

História Bíblica

Abel foi um dos primeiros filhos de Adão e Eva. Era pastor de ovelhas. Vivia em tendas no campo, porque sabia que esta não era a sua casa para sempre. Ele sonhava com um lar melhor, no Céu.

Tinha um coração humilde, fiel e cheio de amor e respeito por Deus.

Desde pequeno, Abel aprendeu com os pais que eles tinham desobedecido a Deus no Jardim do Éden. Ele sabia que o pecado trazia morte e afastava as pessoas de Deus. Mas também aprendeu que Deus foi bom e não destruiu logo os seus pais.

Deus ensinou Adão e a sua família a oferecerem cordeiros em sacrifício, para os lembrar de que Alguém inocente iria morrer para pagar pelos seus pecados. Esse sacrifício era um sinal do grande Plano da Salvação e apontava para Jesus, o Cordeiro de Deus, que viria para morrer por nós.

Abel percebeu muito bem tudo isto. Ele sabia que o pecado era algo muito mau e que trazia morte. Ele entendeu que também era pecador e que precisava do perdão de Deus.

Por isso, fez um altar perto da entrada do Éden, onde estavam os anjos. Ali, Abel ofereceu o melhor cordeiro que tinha. Colocou-o no altar e, com fé e respeito, pediu perdão a Deus.

Deus ficou muito contente com a oferta de Abel. Uma luz brilhou do Céu e consumiu o sacrifício no altar! Foi a forma de Deus dizer: “Eu aceito-te, Abel!”

O seu irmão Caim também construiu um altar, mas só trouxe frutos da terra. Ele não quis fazer o que Deus tinha ensinado, nem admitiu que precisava de ajuda para ser salvo. Por isso, Deus não aceitou a sua oferta.

Abel tentou falar com Caim com calma. Disse-lhe que Deus os amava muito e que tinha prometido enviar o Seu Filho para os

salvar. Mas Caim não quis ouvir; ficou cheio de inveja e raiva; e acabou por matar Abel.

A vida simples e fiel de Abel mostra-nos que é possível obedecermos a Deus e obedecermos à Sua Lei. Ele entendeu que só o sacrifício de Jesus podia perdoar os pecados.

Ainda hoje, o exemplo de Abel ensina-nos a darmos o nosso melhor a Deus, a obedecermos com alegria e a confiarmos sempre em Jesus.

O que Aprendi com Abel

Eu aprendi que Abel acreditava que, um dia, viria o Salvador e confiava no amor e no perdão de Deus. Ele ensina-me que eu devo dar sempre o melhor a Deus e fazer o que Ele me pede, com alegria. Mesmo quando outras pessoas não querem seguir Deus, eu posso escolher ser fiel e obediente, como Abel!

“Eu vou, iremos todos!”

Queres ser como Abel? Então:

- Fala com Deus em oração, todos os dias.
- Lê a Bíblia com atenção, para aprenderes mais sobre Ele.
- Faz o que Deus te pede, com alegria.
- Reconhece que precisas de Jesus como teu Salvador.
- Dá sempre o teu melhor a Deus, com amor e gratidão. Diz, com confiança: “Eu vou dar o meu melhor a Deus, como Abel!”

Desafio ou Atividade

Escreve numa folha uma oração, para agradeceres a Deus por ter enviado Jesus para morrer por ti. Pede-Lhe que te ajude a dares sempre o teu melhor e a obedeceres com alegria. Depois, decora bem a tua oração e guarda-a dentro da tua Bíblia, para te lembrares sempre do grande amor de Deus por ti!



NOTÍCIAS

Unidos pela solidariedade!

Júlia Mendonça | Vice-Secretária da IASD do Porto
22 de agosto de 2025



No âmbito da celebração do Dia do Agrupamento Escolar de Pedrouços – Maia, que agrega onze estabelecimentos de ensino, desde o Pré-Escolar até ao Secundário, teve lugar, no passado dia 4 de abril, um momento protocolar de encerramento da frutuosa Campanha Solidária, promovida pela Escola Básica e Secundária de Pedrouços, Escola-sede do Agrupamento, levada a cabo em parceria com a Delegação da ADRA de Pedrouços, expressamente convidada para o feito.

Nesta cerimónia oficial, que decorreu nas instalações da referida escola, marcaram presença o Diretor do Agrupamento Escolar de Pedrouços, Dr. Sérgio Almeida, a Dra. Carla Salgado, professora e promotora do evento, o irmão Paulo Gomes, na qualidade de Presidente da respetiva Associação de Pais, o Coordenador da ADRA Norte, irmão Carlos Cidra, bem como o Pastor Rui Bastos e o irmão Artur Guimarães, Primeiro Ancião da IASD do Porto, e, ainda, todos os elementos que integram a Delegação da ADRA de Pedrouços, irmãos José de Sousa, Maria dos Anjos, Ramiro Silva e Ana Maria Magro.

Foi também convidada para este evento a Sra. D. Isabel Carvalho, atual Presidente da Junta de Freguesia de Pedrouços, entidade que regularmente apoia logisticamente as

atividades da ADRA desenvolvidas ao longo já de vários anos naquela Comunidade local, e que aproveitou esta ocasião para tecer generosos elogios à equipa de trabalho solidário da Delegação da ADRA de Pedrouços.

O ato de entrega dos bens recolhidos e doados à ADRA foi ainda testemunhado por duas das muitas pessoas que recebem ajuda da ADRA de Pedrouços, estando também presentes vários professores e alunos da vasta Comunidade Educativa do Agrupamento, unida nesta Campanha Solidária, que se iniciara a 17 de março, com a disponibilização do folheto de divulgação da ADRA em formato digital e a distribuição de 500 exemplares do mesmo em suporte físico. A dinamização desta Campanha deveu-se muito ao empenho da entidade promotora, visando sensibilizar pais, encarregados de educação e alunos para esta causa humanitária, de forma a refletir-se na doação de bens alimentares, de higiene pessoal ou vestuário, para posterior entrega, através da ADRA, a famílias vulneráveis da Freguesia, devidamente identificadas.

Esta parceria revelou-se muito positiva, traduzindo o reconhecimento e o respeito que o trabalho desenvolvido pela ADRA de Pedrouços tem granjeado junto das entidades oficiais da Freguesia e da população local, dando um forte alento para a continuidade do dedicado exercício de voluntariado da Delegação da ADRA de Pedrouços, enquanto extensão da atividade da ADRA enquadrada na IASD do Porto.

Educação Adventista celebra os 90 anos de missão em Portugal

Dep. Comunicação UPASD
3 de outubro, 2025

A igreja Adventista de Lisboa-Central recebeu, no último dia 27 de setembro, um momento histórico para a Comunidade Adventista em



Portugal: A celebração dos 90 anos da presença da Educação Adventista em Portugal. O encontro, organizado pelo Departamento de Educação da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia (UPASD), congregou líderes, professores, estudantes e membros de Igreja para homenagearem quase um século de ensino e serviço no país.

A sessão de abertura contou com as palavras de João Faustino, Diretor do Departamento de Educação da UPASD, que sublinhou “a importância fundamental da Educação no desenvolvimento da missão Adventista em Portugal”, realçando o contributo mais recente da Rede Escolar “na organização e no crescimento da obra educativa e evangelística, um apoio fundamental à Igreja ao longo das décadas”.

O convidado especial do evento foi Marius Munteanu, Diretor do Departamento de Educação da Divisão Inter-Europeia (EUD). Durante a manhã, o dirigente apresentou um sermão inspirador, centrado na relevância da Educação Cristã para a formação de valores, o crescimento da fé pessoal e o desenvolvimento missionário. Já na sessão da tarde, partilhou uma apresentação detalhada sobre o trabalho desenvolvido pela Educação na EUD, salientando a sua função estratégica como “um braço importante da evangelização” em todo o território europeu.

Um dos momentos mais emotivos da celebração foi a homenagem prestada a todos os Administradores Escolares, Diretores Pedagógicos e Líderes do Departamento de Educação, que, ao longo da história da Igreja Adventista em Portugal, contribuíram para consolidar a rede educativa. Esta homenagem foi fundada nas informações contidas no trabalho histórico do Pr. Ernesto Ferreira, autor do livro “Arautos de Boas Novas”, que documenta de forma rigorosa a evolução da obra educativa Adventista no país.

Atualmente, a Rede Adventista de Educação em Portugal (REASD) é composta por cinco Instituições: Colégio Adventista de Oliveira do Douro, Colégio Adventista de Setúbal, Colégio de Talentos (Lisboa), Creche e Jardim de Infância Arco Íris (Setúbal) e Escola Adventista do Funchal.

Estas Instituições continuam a ser espaços privilegiados de ensino de excelência, aliados à promoção de valores cristãos, desempenhando um papel relevante não somente na formação académica mas também no desenvolvimento espiritual e social de crianças e jovens.

O evento terminou com um ambiente de gratidão e esperança, reafirmando o compromisso da Igreja Adventista em continuar a investir na Educação como instrumento essencial da sua missão. Ao celebrar 90 anos de história, a Rede Escolar Adventista em Portugal olha para o futuro com determinação, consciente de que a Educação continua a ser uma poderosa ferramenta de transformação individual e comunitária.



28 NOV – 01 DEZ

2025

• WORKSHOPS • TESTEMUNHOS • CONVÍVIO •

GAIN

 PORTUGAL

O MUNDO EM REDE: MISSÃO NO DIGITAL

SÁBADO DE MANHÃ

29 DE NOVENBRO

GRANDE AUDITÓRIO MEIBAD

ENTRADA LIVRE

DOMINGO

30 DE NOVENBRO

FORMAÇÃO NA

NOVO TEMPO PORTUGAL

SEGUNDA

01 DE DEZEMBRO

APRENDIZAGEM PRÁTICA

**LOURES
MEIBAD**

INSCRIÇÕES ATÉ 16 DE NOVENBRO

CONVIDADOS ESPECIAIS



Pr. Williams
Costa Júnior



Paulo Sérgio
Macedo (EUD)



Gabriel Barradas
(UNASP)

